



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)

CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA - SOCIEDADE, ESTADO
E POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA

**DECOLONIALIDADE: UMA ANÁLISE SOBRE MANIFESTAÇÃO DO
EUROCENTRISMO DENTRO DO CORPO NEGRO HAITIANO A
PARTIR DE “BLANCHIMENT DE LA PEAU” EM 2010 A 2018**

SANEL CHARLOTIN

Foz do Iguaçu
2018



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)

CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA - SOCIEDADE,
ESTADO E POLÍTICA NA AMÉRICA

DECOLONIALIDADE: UMA ANÁLISE SOBRE MANIFESTAÇÃO DO EUROCENTRISMO DENTRO DO CORPO NEGRO HAITIANO A PARTIR DE “BLANCHIMENT DE LA PEAU” EM 2010 A 2018

SANEL CHARLOTIN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência Política e Sociologia - Sociedade, Estado e Política na América Latina.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Gimenes Giugliano

Foz do Iguaçu
2018



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)

CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA - SOCIEDADE,
ESTADO E POLÍTICA NA AMÉRICA

DECOLONIALIDADE: UMA ANÁLISE SOBRE MANIFESTAÇÃO DO EUROCENTRISMO DENTRO DO CORPO NEGRO HAITIANO A PARTIR DE “BLANCHIMENT DE LA PEAU” EM 2010 A 2018

SANEL CHARLOTIN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência Política e Sociologia - Sociedade, Estado e Política na América Latina.

Coorientador: Prof. Dr. Marcos de Jesus Oliveira

Foz do Iguaçu
2018

SANEL CHARLOTIN

**DECOLONIALIDADE: UMA ANÁLISE SOBRE MANIFESTAÇÃO DO
EUROCENTRISMO DENTRO DO CORPO NEGRO HAITIANO A
PARTIR DE BLANCHIMENT DE LA PEAU EM 2010 A 2018**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência Política e Sociologia - Sociedade, Estado e Política na América Latina.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Rogério Gimenes Giugliano
UNILA

Coorientador: Prof. Dr. Marcos de Jesus Oliveira
UNILA

Profa.Dra. Elen Cristiane Schneider
UNILA

Prof. Dr. Carlos Francisco Bauer
UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

Dedico este trabalho a todos os imigrantes e refugiados que estudam no Brasil para realizarem seus sonhos, principalmente os africanos, haitianos e sírios que confrontavam problemas econômicos, políticos sobretudo sociais no país deles.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus por me dar energia, e a todos os e todas as contribuintes de uma alguma forma para que essa monografia realizasse. Principalmente aqueles e aquelas que compartilharem textos, revistas, vídeos e idéias academicamente com a relação desta monografia.

O laço do poder familiar me fortalece e me incentiva escrever essa monografia. _ Ao ouvir falar da minha mãe Rosette Baptiste e do meu pai Sano Charlotin, dizendo “Sei que pode meu filho”, de outro lado, da minha filha Louise Freitas Charlotin “pai vou estar na sua casa, tá bom” via rede social, esses detalhes me guiam fortemente no caminho dessa produção narrativa. Por isso, acreditamos sem os laços familiares eu não conseguiria realizar este trabalho. Agradeço-os por estarem sempre comigo apesar da distância e tempo.

À minha noiva Vanessa Pires, companheira fiel, amiga, amor que esteve sempre ao meu lado no momento mais difícil, e que me incentivou no adiantamento deste trabalho com mais rigidez. Sinto-me grato por ter ela na minha vida. Te amo Vane.

Às minhas irmãs no Haiti Evelyne Charlotin Piard e Guerline Charlotin e a todos meus amigos em especial, Jean Michel, Eduardo Gonçalves Ueda, Fednel Saintil, Nietzsche Merlin Nestor, Fouchard Louis, Wisly Joseph, Carl Alain, Lucimar Pires etc.

À mãe da minha filha Ivone Freitas por ter me incentivado apesar de tudo. Sempre me perguntando sobre essa monografia apenas para me entusiasmar a escrever. Obrigado pela atenção.

A todos os docentes da UNILA principalmente da Ciência política, História Antropologia, Ciências económicas e das relações internacionais que me incentivaram durante a jornada apesar do obstáculo linguístico. E a todos (as) técnicos (as) na ILAESP sempre estão disponíveis para me ajudar a tirar as minhas dúvidas. Obrigado pela atenção e pelas ajudas.

Aos meus orientadores, Dr. Rogério Gimenes Giugliano e Prof. Dr. Marcos de Jesus Oliveira que sempre estiveram à disposição para me orientar em todo meu período acadêmico na UNILA (Iniciação científica, artigos para eventos , ensaios

etc.). Obrigado pelos incentivos e por tudo que me ensinaram durante a jornada acadêmica.

E à professora Elen Cristiane Schneider e professor Carlos Francisco Bauer por serem membro e membra na banca de defesa da minha monografia. Agradeço com um imenso carinho por aceitarem.

À família Oberbacher Cesar (Juliana Oberbacher Cesar, Carlos Oberbacher Cesar, Flávio Gonçalves Roberto Cesar e Gisele Veronica Oberbacher) e à professora Sara Farias Folie da UFSC, por serem meu primeiro passo e referências na UNILA. E a Professora Gisele Ricobom por ser uma dos/as contribuintes do projeto Pró-Haiti na UNILA.

Agradeço imensamente à Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) que oportunizou esses saberes, que me permitiu conviver experiência América latina. Sobretudo, ao Brasil por dar essa oportunidade aos Haitianos e outros imigrantes na área acadêmica.

Os laços familiares nos abençoam com um poder imensurável. Mas também temos que aceitar o que vem junto. Dá-nos a responsabilidade de amar incondicionalmente. Sem justificativas. Nunca podemos renunciar ao poder deste laço, mesmo quando ele é testado. O laço nos nutre. Nos dá força. Sem este poder, não temos nada.

Elijah Mikaelson

CHARLOTIN, Sanel. **Decolonialidade: Uma análise sobre manifestação do eurocentrismo dentro do corpo negro haitiano a partir de “blanchiment de la peau” em 2010 a 2018.** 2018. 66 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciência Política e Sociologia – Sociedade, Estado e Política na América Latina) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

RESUMO

O presente monografia procura analisar as condições das mulheres após o terremoto 2010 no Haiti, que estão se submetendo a tratamentos a fim de tornar sua pele mais clara para garantir um bom casamento, emprego e um status econômico, etc. intitulado como “blanchiment de la peau”, com caráter político e intelectual na linhagem do pensamento decolonial. Entretanto, observa a manifestação do fenômeno de branqueamento da pele no Haiti apesar da sua independência vitoriosa nos braços da modernidade que circulava a colonialidade do ser e saber por meio da construção de do corpo e cor. E, examina o mecanismo do colonialismo através da diáspora haitiana e do imperialismo e subimperialismo no Haiti.

Palavras-chave: Blanchiment, Colonialidade, Colonialismo, Decolonialidade.

CHARLOTIN, Sanel. **Decoloniality: an analysis on the manifestation of Eurocentrism within the Haitian black body from "blanchiment de la peau" in 2010 to 2018.** 2018. 66 pages. Undergraduate Thesis (Political Science and Sociology - Society, State and Politics in Latin America) - Federal University of Latin American Integration, Foz do Iguaçu, 2018

ABSTRACT

This monograph seeks to analyze the conditions of women after the 2010 earthquake in Haiti, who are undergoing treatments in order to make their skin clearer to ensure a good marriage, employment and economic status, etc. entitled "blanchiment de la peau", with a political and intellectual character in the line of decolonial thought. However, one can observe the manifestation of the phenomenon of skin bleaching in Haiti, despite its victorious independence in the arms of modernity that circulated the coloniality of being and knowledge through the construction of body and color. And, it examines also the mechanism of colonialism through the Haitian Diaspora and imperialism and sub-imperialism in Haiti.

Key words: Blanchiment, Coloniality, Colonialism, Decoloniality.

CHARLOTIN, Sanel. **Décolonialité: une analyse sur le blanchiment de la peau à travers de la manifestation de l'eurocentrisme dans le corps noir haïtien de 2010 à 2018.** 2018. 66 pages. Mémoire de Licence (Science politique et sociologie - Société, État et politique en Amérique latine) - Université fédérale d'intégration latino-américaine, Foz do Iguaçu, 2018.

RÉSUMÉ

Cette monographie cherche d'analyser la situation des femmes après le séisme de 2010 en Haïti, qui subissent des traitements afin de blanchir leur peau, pour garantir leur mariage, leur emploi et leur situation économique, etc. nommé du blanchiment de la peau avec un caractère politique et intellectuel sur la ligne de la pensée décoloniale. Cependant, il observe la manifestation du phénomène de blanchissement de la peau en Haïti malgré son indépendance victorieuse dans les bras de la modernité qui a fait circuler la colonialité de l'être et du savoir à travers la construction du corps et de la couleur. Et aussi, il examine le mécanisme du colonialisme à travers la diaspora haïtienne et de l'impérialisme et du sous-impérialisme en Haïti.

Mots clés: Blanchiment, colonialité, colonialism, décolonialité.

CHARLOTIN, Sanel. **Decolonialidad: un análisis sobre manifestación del eurocentrismo dentro del cuerpo negro haitiano a partir de "blanchiment de la peau" en 2010 a 2018**. 2018. 66 páginas. Trabajo de finalización de curso (Ciencia Política y Sociología - Sociedad, Estado y Política en América Latina) - Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, Foz do Iguaçu, 2018.

RESUMEN

La presente monografía busca analizar las condiciones de las mujeres después del terremoto 2010 en la sociedad haitiana, que se están sometiendo a tratamientos para hacer su piel más clara para garantizar un buen matrimonio, empleo y un status económico, etc. que se titula como "blanchiment de la peau", con carácter político e intelectual en el linaje del pensamiento decolonial. Sin embargo, observa la manifestación del fenómeno de blanqueamiento de la piel en Haití a pesar de su independencia victoriosa en los brazos de la modernidad que circulaba la colonialidad del ser y saber por medio de la construcción del cuerpo y el color. Y, examina el mecanismo del colonialismo a través de la diáspora haitiana y del imperialismo y subimperialismo en Haití.

Palabras clave: Blanchiment, colonialidad, colonialismo, decolonialidad.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
1.1	CAPITULO I - COLONIALIDADE A DECOLONIALIDADE.....	17
1.2	O surgimento da modernidade.....	18
1.3	A interligação da Colonialidade ao Colonialismo.....	21
1.4	A Decolonialidade.....	26
2	CAPÍTULO II - BLANCHIMENT DE LA PEAU.....	36
2.1	O blanchiment no Haiti.....	42
2.2	Produtos cosméticos para branquear pele no Haiti.....	45
2.3	O colonialismo na interioridade do primeiro Estado negro (Haiti).....	48
2.4	A manifestação do eurocentrismo dentro do corpo negro Haitiano.....	52
	METODOLOGIA.....	58
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60
	APÊNDICES.....	65

INTRODUÇÃO

Em um mundo com sociedades construídas pelo ocidentalismo onde a beleza é padronizada pela colonialidade estética. Lançamos um olhar sobre “*blanchiment de la peau*” no Haiti por meio dessa trajetória colonialidade estética centralizada no *corpo/cor*. A percepção da cor e do corpo é uma construção social (BRETON 2007 [1953] & BONNIOL, 1995). Em outras palavras, a beleza é uma questão construtiva pela sociedade, e que se naturaliza aos indivíduos na sociedade que estão inseridos, _ a separação *corpo/cor* para definir a beleza é resultado projeto da modernidade que enfatiza a linhagem do sexismo e racismo para os grupos representantes do eurocentrismo dominarem o Outro (que não encaixa no padrão de poder da colonialidade). Ou seja, os grupos que se apropriam do padrão de poder eurocêntrico reconhecido como europeus marginalizam não-europeus conhecido como Outro. Porém, para os sociólogos, os fenômenos sociais se naturalizam nos indivíduos. Émile DURKHEIM (2007 [1895]) sobre as regras do método sociológico, entendeu- se na exterioridade e coercitividade, que o fato social é externo ao indivíduo e os indivíduos se sentem obrigados a funcionar aos comportamentos estipulados [...] e de outro lado, BRETON (idem) “ por intermédio do corpo, o homem se harmoniza das substâncias de sua vida interpretando-a para os outros, servir-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade. Para ser mais explícita, a colonialidade da estética alimenta na sociedade acaba apresentando um fato natural nos indivíduos, ser bonito, o corpo acaba ter altura e tamanho definidos, e ele tem cor.

Acrescentamos essa leitura do Durkheim, Breton e Bonniol para compreendermos o fenômeno de “*blanchiment de la peau*” [branqueamento da pele] que está invalidando a sociedade haitiana. É que, a sociedade haitiana chega um certo momento a pele clara está sendo mais valorizada que da pele mais escura, representando “o padrão da beleza”, ou seja, tendo pele escura é antônimo da beleza.

Este trabalho “Blanchiment de la peau” está centralizado em um estudo social sobre as mulheres haitianas que estão clareando sua pele em apropriarem-se da pele branca e também busca compreender como este fenômeno manifesta-se na sociedade haitiana.

Portanto, procuramos uma visão sociológica sobre o “Blanchiment de la peau” por meio duma análise do “corpo negro” que está sendo desvalorizado dentro da sociedade haitiana, entretanto, com projeto decolonial. Essa escolha tem caráter político e intelectual por esse projeto ser um movimento acadêmico de resistência às forças da modernidade, para estabelecer a re-existência para uma *re-subjetividade*. E por outro lado, ambiciona o pluriversalismo abrindo espaços para os saberes não-ocidentais dentro do sistema mundo capitalista moderno/colonial, buscando a dignidade e segurança humana para uma sociedade mais igualitária. Não apenas isso, o *Blanchiment de la peau* também tem um pressuposto de criticar à “colonialidade estética” para uma revalorização da pele negra no Haiti, cuja está sendo desvalorizada através o descolorismo. Além de tudo isso, *blanchiment de la peau* reconhece as forças do patriarcalismo e racismo sobre essas mulheres que estão pigmentando ou aclarando sua pele para apropriar da pele mais clara conhecida como pele branca.

Contudo, a busca da *resubjetividade* se manifesta pelo desprendimento das crimes nas sociedade, ou seja, buscamos a justiça social, de diversas maneiras através do projeto decolonial por meio do pensamento fronteiro de MIGNOLO (2017), da consciência negra de FANON (2008), revelando nossa dupla consciência através de DU BOIS (1998), requerendo a nossa visibilidade que a modernidade invisibiliza por meio da colonialidade do saber/ser QUIJANO (2005) e SANTOS (2009).

Além disso, vendo os movimentos sociais sobre o fenômeno *branchiment de la peau*, e questionando a política pública no Haiti para mobilizar os centros acadêmicos principalmente as universidades e as escolas problematizando e levando seriamente a questão do descolorismo da pele no país para evitar as doenças corporais. Em outras palavras o *bleachiment de la peau* é tratado duma forma sociológica, porém ele visiona a questão fisiológica no qual corpo negro está sendo destruído somente porque a pele branca está mais valorizada e significa

prosperidade, e a pela negra tem como definição maldição, miséria, desempregado, servida apenas para mão de obra barata, incompetente intelectual (HUNTER 2011, BORDELEAU 2012, DORÉLIEN 2012, TOURÉ 2012, JÉRÔME 2013 & UZOGARA 2014).

Mesmo a vitória simbólica da independência haitiana 1804 pelos jacobinos negros, um dos primeiros passos decoloniais sociopolíticos que questionava a desumanização caíque que a colonização que poderia ter cometido (CÉSAIRE, 2010 [1987]), portanto, o Haiti não logrou frear a expansão do eurocentrismo que estava circulando pelo imperialismo (JAMES, 2007), apenas o questionou numa forma militar, cultural, política, social, não economicamente que é a força do mecanismo do colonialismo. Nesta mesma forma, Por essa perspectiva, o estudo sobre o *blanchiment* está delimitado a partir do terremoto 2010 no Haiti, a partir deste momento, tratamos de compreender se houvesse impacto da diáspora haitiana, das organizações, dos militares estrangeiros da missão de paz enviados pela ONU (MINUSTAH) no fenômeno de branqueamento da pele no Haiti (NETO 2004). Pretendemos de achar o mecanismo do colonialismo considerado como a tática da verdadeira arma epistêmica na modernidade que está veiculando nas sociedades, principalmente a haitiana com objetivo de visibilizar a negritude com narrativa decolonial por meio *cor/corpo* questionando a geopolítica de conhecimento de corpo cuja a epistemologia eurocêntrica se universaliza e logrou invisibilizar o conhecimento da nossa naturalidade por meio da modernidade (GROSFOGUEL 2012, 2013 & SANTOS 2009) para uma *resubjetividade* de Outro.

CAPÍTULO I

COLONIALIDADE A DECOLONIALIDADE

Não existe modernidade sem América 1492 ao mesmo tempo não podemos falar da modernidade sem entendermos a colonialidade e o colonialismo.

Ao falar da colonialidade pressupõem-se imediatamente a existência de relação de poder, derivada da colonização (colônia/metrópole); Onde surgiu a classificação, separação ou categorização na idéia raça para estabelecer a relação entre conquistadores e conquistados (dominadores/ dominados, inferiores/superiores) no qual cria uma estrutura biológica distinta ao longo tempo (QUIJANO 2005)¹, _ essa perspectiva indo-se construída a *id-entidade*² do “mito da modernidade”³. Destacamos de forma mais explícita que os conquistadores alcançaram dominar os conquistados através do “mito da modernidade”, no qual foi exibido a *id-entidade* para exterminar o Outro _ como uma exigência de identidade; no caso dos indígenas, depois vai ser estabelecido sobre os negros, e ao longo do tempo sobre as mulheres, e todos os marginalizados dentro do sistema capitalista (corpo da mulher e o físico dos negros são elementos essenciais para o desenvolvimento do capitalismo através da exploração e superexploração na divisão de trabalho). Mas, temos que saber o “mito da modernidade” nasceu durante a conquista por meio dois traços dignos do nome de Cristóvão Colombo; o evangelizador e colonizador, no qual surgiu a alteridade aos indígenas com a percepção platônica e santo Agostinho (TODOROV, 1939, p.26 & JUNIOR,2001, p.15).

¹A América constituiu-se como o primeiro espaço/tempo de um padrão de poder de vocação mundial e, desse modo e por isso, como a primeira id-entidade da modernidade. Dois processos históricos convergiram e se associaram na produção do referido espaço/tempo e estabeleceram-se como os dois eixos fundamentais do novo padrão de poder. Por um lado, a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na idéia de raça, ou seja, uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Essa idéia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia [QUIJANO, 2005, p.227]

²“Id-entidade” é as duas fases representativas da América no padrão de poder mundial. Ela é a constituição e representação como o espaço /tempo de um padrão de poder mundial por meio da ideia de raça (idem).

³O Mito da Modernidade tem como definição “a grande utilidade para todos”, escondendo as violências, os sacrifícios dos colonizados para a modernização pelos colonizador e portanto mostrando aqueles que são vítimas poderiam se desenvolver se aceitarem a sua inferioridade. ou seja, o mito da modernidade se vê em dois enunciados segundo DUSSEL (1992), Eurocentrismo e falácia da modernidade. (p.70-73)

Porém, a modernidade mantém a colonização de uma forma mais coercitiva e brutal no qual aparece a colonialidade e o colonialismo através da questão de raça. Em outras palavras, havia uma necessidade com emergência ou exigência para o manutenção da conquista com o objetivo de passar para outro modo de produção que é o capitalismo. [...] Durante esse processo a ciência ocidental ganha-se força na ideia raça para desconhecer as outras culturas e ciências considerando-las como pensamento apropriado à natureza nesta canalização apareceu o colonialismo e a colonialidade, porém a canalização de tudo foi pelo colonialismo (no dia que os espanhóis pisaram o continente americano já há colonialismo, povos europeus com suas armaduras materiais, religiosas, filosóficas, culturais e sobretudo políticas no continente). Contudo, a filosofia cartesiana (1637) foi a primeira pedra sólida a ser plantada no fortalecimento da modernidade (DUSSEL 1994 & SANTOS 2009).

A obra de Enrique Dussel⁴ (1994) nos ajuda encontrar uma forma mais explícita para argumentar ou detalhar o caminho do colonialismo e da colonialidade no seio da modernidade. Antes de tudo, DUSSEL entende que a modernidade surgiu a partir do “ego” europeu, (ele é ocidental), acrescentando que há uma constituição da “subjetividade” moderna eurocêntrica reconhecida pela data de 1492 a 1636 no momento René DESCARTES (“*EU*” *penso, logo existo*)⁵ expressa determinadamente o ego cogito na sua obra Discurso do Método, recorrendo pelo primeiro passo da constituição histórica da modernidade feita pelos ibéricos (Espanha e Portugal) por meio um homem nem era moderno Cristóvão Colombo⁶. [DUSSEL, 1994, p.11]

1.1 O surgimento da modernidade

A América é o berço da modernidade, _ a razão é que, nela que a pedra de padrão de poder mundial foi inaugurada. Ou seja, por meio da separação de raça logrou-se estabelecer uma estrutura biológica sendo um instrumento de dominação social (QUIJANO 2005,p.228) que acelera a transformação do feudalismo ao

⁴ DUSSEL Enrique, 1994, p.12-74

⁵ DESCARTES René “DISCURSO DO MÉTODO”, 2013, p.19

⁶ TODOROV, Tzvetan, A descoberta da América. 1939, (a relação do Cristóvão Colombo com reino da Espanha para trazer a evangelização na terra conquistada. seu nome batizou as ilhas. as terras da America. fé no Colombo para a Igreja cristã e um Estado feliz.

capitalismo na canalização do mercantilismo passando para uma transição o pensamento ocidental na mesma rotulação a *posteriori* que Idade Média circulava o renascimento ocidental.

Essa vez, foi uma relação entre burguesia e a igreja⁷. Portugal e Espanha foram os pioneiros dos países europeus que criam essa modernidade (nações renascentistas) [DUSSEL, 1994 p.12]. DUSSEL primeiro entende que, na modernidade há uma construção de um eurocentrismo que a veicula a subjetividade (puro ego europeu) vendo as outras nações como alteridade, no caso dos indígenas povos incultos, e inhumanos considerando como barbáries. “O mito da modernidade se autodefine a própria cultura como superior e mais desenvolvida” e outra cultura inferior [DUSSEL, p.69]. Dentro dessa perspectiva a modernidade nasceu e fortaleceu, mesmo que a modernidade é considerada como surgimento de uma civilização com instrumentos tecnológicos, estruturas, práticas políticas e econômicas ocultando a relação entre a subjetividade com a alteridade que é o processo da violação e da dominação “EU” próprio sobre “OUTRO” [IDEM].

Portanto, DUSSEL Conseguiu criticar o mito da modernidade através de três autores Ginés de Sepúlveda (a inconsciência do outro), Bartolomé de las Casas (a alteridade à modernização) & Immanuel Kant (a culpabilidade do Outro) considerando essenciais para entendermos o plano da modernidade. a) A violação brutal para a aceitação do cristianismo e trabalho forçado aos índios, DUSSEL reconhece que a parte do GINÉS foi irracional por ter reconhecido a culpabilidade nos índios, através do culto a demônio de vez o a Deus, apoiando a violência forçando os indígenas aceitar o cristianismo brutalmente para lhes salvar ou seja, GINÉS usou violência no lugar de argumentação para a inclusão/exclusão do OUTRO. b) na obra o “*ausgang*” de KANT, os indígenas foram considerados como barbáries por su inmadurez, colocou a culpabilidade neles por causa da sua natureza. c) De outro lado, BARTOLOMÉ reagiu de uma forma racional apontou DUSSEL, no qual seu plano é modernizar aos índios (indígenas) sem destruir alteridade⁸ deles, [DUSSEL, 1994, p.70-75]. Por meio dos estudos sobre

⁷ JUNIOR Hilário Franco, 2001, p.15-17

⁸ Modo Bartolomé usa um método crítico um racionalismo de liberal segundo DUSSEL (1994), NA CONFERÊNCIA V. “crítica al mito de la modernidad”.

argumentos desses três autores citados acima, DUSSEL conseguiu ver que havia uma emancipação da razão moderna, ou seja, a modernidade como emancipação através da culpabilização, vitimização e a necessidade da modernização para a alteridade.

Aquí pasamos inadvertidamente del "concepto" de Modernidad al "mito de la Modernidad". El "concepto" muestra el sentido emancipador de la razón moderna, con respecto a civilizaciones con instrumentos, tecnologías, estructuras prácticas políticas o económicas o al grado del ejercicio de la subjetividad menos desarrolladas. Pero, al mismo tiempo, oculta el proceso "de dominación" o "violencia" que ejerce sobre otras culturas. Por ello, todo el sufrimiento producido en el Otro queda justificado porque se "salva" a muchos "inocentes", víctimas de la barbarie de esas culturas [DUSSEL, 1994, p.72].

Contudo, o pensamento racional do BARTOLOMÉ de las Casas⁹ de modernizar ao índio sem a destruição da alteridade segundo DUSSEL (1994), foi naquele momento a colonialidade começou se manifestar, e conceito (colonialidade de poder) que vai ser construído através do espaço/tempo (AMERICA-1492). Porém tentamos de detalhar passo a passo de uma forma resumida mostrando a diferença entre colonialismo e colonialidade e como que eles nasceram na modernidade.

A crítica que DUSSEL (1994) logrou fazer ao mito da modernidade, no qual mostrou as violências e conflitos que têm detrás a modernidade, que nós não íamos conseguir vê-los sem esses dois eixos; _a colonialidade e o colonialismo como apontou MIGNOLO (...) *Colonialidade equivale a uma matriz ou padrão colonial de poder o qual ou a qual é complexo de relações que se esconde detrás da retórica da modernidade [p.13]*. A modernidade mostra coisas maravilhas tais como; instruções acadêmicas para o desenvolvimento tecnológico e científico, normas e regras através dos Estados nações para controlar a esfera pública e privada para um capitalismo rígido mas, não mostra as violências, os conflitos sociais, corporais e

⁹Para Bartolomé se debe intentar "modernizar" al indio sin destruir su Alteridad; asumir la Modernidad sin legitimar su mito. Modernidad no enfrentada a la pre-Modernidad o a la anti-Modernidad, sino como modernización desde la Alteridad y no desde lo Mismo del "sistema". Es un proyecto que intenta un sistema innovador desde un momento "trans-sistemático": desde la Alteridad creadora. En la obra De único modo Bartolomé usa un método crítico, un racionalismo de liberación [DUSSEL, Henrique, 1994, p.70].

sexuais etc. no pensamento europeu o mito da modernidade é abissal como diz SANTOS (2009) o pensamento moderno ocidental é abissal, ele mantém num sistema de distinções visíveis e invisíveis, nas quais, as invisíveis respaldam os visíveis [p25]¹⁰. Esse pensamento abissal vai fortalecendo o *mito da modernidade* através da filosofia/teologia _ na qual, a razão é para a verdade filosofia e a fé como a verdade religião, nisso se manifesta a colonialidade.

1.2 A interligação de Colonialidade e Colonialismo

Como mencionamos acima a colonialidade e o colonialismo nos guiam ao planejamento da modernidade durante todos seus processos históricos ou seja às suas transições¹¹ para ver as violências, os conflitos no qual mundo está dividido, pela busca da “inter-subjetividade” (relação entre o conhecimento eurocêntrico com o da alteridade [Outro])¹², e quem planta o pensamento da colonialidade e do colonialismo são autores que sofrem o choque da civilização da modernidade, MIGNOLO (2014) considera como *feridas coloniais*. Ou seja, na trajetória da Decolonialidade tentamos ver a separação de cada estes dois conceitos¹³;_ a colonialidade e o colonialismo dentro a modernidade. Os autores latinos veem o padrão de poder mundial através da colonialidade e por outro lado, os autores de post-colonialismo questiona a hegemonia política e econômica estabelecida através da linhagem do padrão de poder colonial. Por isso consideramos que existe uma interligação entre colonialidade e colonialismo. Porém, o colonialismo reage de forma distinta dependendo a transição da modernidade. O perigo dessa interligação é a circulação da epistemologia eurocêntrico nos estudos destes conceitos, não negamos a participação do marxismo e foucaultiano na colonialidade de poder de

¹⁰Não podem ser estabelecidas de acordo com o método científico como é o caso da razão como verdade filosofia e a teologia tem sido sempre altamente visíveis, mas como defendo, todas de conhecimento que não encaixam em nenhuma destas forma de conhecer. refiro-me aos conhecimentos populares, leigos plebeus, camponeses de outro lado da linha. Eles desaparecem como conhecimentos relevantes ou comensuráveis por se encontrarem para além de universo do verdadeiro e do falso [p.25]

¹¹ MIGNOLO Walter, *Desafios Decoloniais hoje*, 2017 [...] As bases históricas da modernidade a pós-modernidade e a altermodernidade (onde “biopolítica” tem seu lugar) se encontram na ilustração e a revolução francesa [p.14]

¹² SANTOS, Boaventuras de Sousa, 2009, p.49-50

¹³Vejam o mecanismo da colonialidade e do colonialismo através essa entrevista com GROSFOGUEL.

_ MONTOYA, M. Angélica & BUSSO Hugo ” Entrevista a Ramón Grosfoguel” POLIS Revista Latinoamericana. Editor Centro de Investigación Sociedad y Políticas Públicas (CISPO). Identidad Latinoamericana. 2007

QUIJANO 2005 e no FANON 1968 [1961]. Esse perigo foi aparecido na racionalização de Bartolomé com narrativa de DUSSEL (1994).

Cuja a ideia de Bartolomé seria “a modernização sem destruição da alteridade” [não-europeus]. por meio da modernidade da alteridade os autores subalternos ou periféricos sentem-se numa “*caverna moderna*”¹⁴ (como latinos americanos, orientais, africanos, caribenhos e afro-caribenhos) na busca da melhoria da justiça societal. _ Ou seja, eles usam o Método acadêmico e linguagem ocidentais ou eurocêntricos para buscar libertar o Outro.

Porém, tanto da colonialidade e do colonialismo a relação de poder neles manifestam de formas distintas. _ durante a conquista da América em 1492, os territórios indígenas ou pré-colombinos reconhecendo hoje em dia como “América” viram ser coloniais, para a exploração de produtos primas pelos conquistadores (europeus). Os indígenas eram forçados a trabalhar para explorar essas matérias primas sobretudo dominar o território. Reconhecemos esse fato como COLONIALIDADE na colonização. Pois, para justificarmos, a colonialidade está relacionada com a ideia de raça que é a força essencial da modernidade, com a expansão do capital em diversos setores do mundo, e com o discurso de Bartolomé modernizar outras culturas, essa questão do colonialismo faz a sua aparição.

Entretanto, relatando que a modernidade não é colonialismo, tampouco a colonialidade, eles têm relação de poder em comum, pois, sim, eles são mecanismos para o funcionamento do sistema-mundo capitalista. O mito da modernidade com a questão do dualismo (alma e corpo) no qual baseada a filosofia cartesiana (1637) deu o nascimento do colonialismo e da colonialidade como mencionados acima, porém cada um desses conceitos tem um caminho a seguir numa forma paralela interconectada, mas com diferente linha de conhecimento tem a ver com “espaço /tempo”. o primeiro espaço da colonialidade originou na “AMÉRICA” e contextualizou por QUIJANO (1989) colonialidade nasceu justamente no dia da conquista em 1492 no qual teve sua originalidade de tempo., Porém, a sua aparição foi sucedida durante a emergência da modernidade com a ideia da

¹⁴ Termo a ser pensado durante nossa pesquisa para esse trabalho, entendemos pelo “giro-colonial “ que todo que nos des/construímos, está ligado com o “fruto da modernidade”. O próprio centro acadêmico é linha da produção do saber eurocêntrico, produzimos com el idioma do padrão colonial.. consideramos essa barragem dentro a produção acadêmica é fruto do mito da modernidade no qual estamos numa caverna moderna com pura ciência derivada da filosofia eurocêntrica. Como sairmos dessa caverna que platão construiu e Descartes modernizou?

classificação de raça para o controle de trabalho e da produção, com essa ideia alcançaram escravizar os indígenas logo depois os negros considerando-nos como inferiores. [...] “a Ideia de raça, elemento constitutivo fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia, e na América a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista” [QUIJANO, 2005, p.227- 28].

A Colonialidade acaba sendo um padrão de poder através da ideia raça com objetivo de controlar o trabalho pelo capitalismo com três dimensões; colonialidade, do *saber/poder/ser* destacou BALLESTRIN (2013)¹⁵ por meio do pensamento de MIGNOLO com a relação do entrecruzamento na colonialidade de saber e ser, que lhe levou entender o “corpo político do conhecimento” e “geopolítico do conhecimento”¹⁶ incorporam as seguintes linhas; controle da economia, controle da autoridade, controle do gênero e da sexualidade e por outro lado controle do episteme.

E, com a transformação da modernidade por meio da revolução francesa e surgimento do liberalismo com o fim do “*ancien regime*”. havia uma uma necessidade de expansão do capital baseado na pregação do liberalismo, uma necessidade de independências das nações sul-americanas, e uma necessidade de criar Estado com ideia liberal econômico cujo o sistema mundo é concentrado no qual a colonialidade que consegue-se expandir e enraizar-se.

Nessa perspectiva DUSSEL com uma visão da pós-modernidade utiliza o conceito “geopolítica”¹⁷ para entenderem as relações entre os Estados nações, (convite a pensar a modernidade e colonialidade de forma crítica [BALLESTRIN]) e destacando dentro dessas relações dos estados nacionais há uma canalização da epistemologia centralizada na colonialidade do ser /saber, essa epistemologia tem cor e sexualidade (século atrás mulheres, negros não tinham acesso ao estudo, são usado para exploração de capital, e na atualidade negros sendo potenciais para o superexploração de trabalho, principalmente imigrantes e o corpo das mulheres se

¹⁵ BALLESTRIN, Luciana, 2013, p.100

¹⁶ MIGNOLO, Walter, 2014, p.9

¹⁷ _____, 2017 p.18

materializa, vira-se mercadoria para o desejo sexual) [...] Essa colonialidade (que é do ser/saber) no sistema mundo capitalista moderna/colonial está circulada pela “colonização “geopolítica” e “corpo política” [MIGNOLO, 2014 & BALLESTRIN, 2013]

Porém os autores da epistemologia do sul (Boaventura de Souza SANTOS, Anibal QUIJANO, Moboge B. ROMOSE, Maria Paula MENESES, Enrique DUSSEL ect)¹⁸ que analisam o estabelecimento da colonialidade por meio expansão do capital, veem a escala societal feita pela colonialidade cuja há *umas relações sociais de exploração, dominação, conflitos articulados, basicamente em função e em torno da disputa pelo controlo dos seguintes meios de existência social que alimentam os estados nações*¹⁹ e que levar WALLERSTEIN (1974)²⁰ perceber as três esferas alimentadas pela colonialidade (o mercado, o Estado e a sociedade civil) no qual o “sistema-mundo” está estabelecido. Em outras palavras, por meio da transição da modernidade (liberalismo no século XIX e a globalização século XX) o pós-colonialismo começou ser questionado por autores caribenhos, africanos, asiáticos, e orientais como Edward SAID, Frantz FANON, Aimé CÉSAIRE, Albert MEMMI) na década 1980 com a ideia independência, libertação, emancipação das sociedades exploradas pelo imperialismo e neocolonialismo através de estudos literários e culturais [BALESTRIN,2013, p.90].

O colonialismo deu a colonialidade outra dimensão de se expandir e reunir o mundo em sistema-mundo capitalista moderno/colonial e fortalece a universalização eurocêntrica no qual uns grupos estão sendo oprimidos sob o padrão de poder colonial (mulheres, negros, indigenas, homossexuais, imigrantes ect.) ou seja, a colonialidade atravessa e transforma as pessoas nas relações sociais através do padrão do poder, portanto, é importante observar a veiculação que a colonialidade tem no sistema-mundo por meio do colonialismo; isso acontece quando há crise econômica ou necessidade com urgência de matérias primas nos países sub/imperialistas, cuja durante uma intervenção militar, não somente alcança de dominar, violar e explorar, senão, também, consegue estabelecer a cultura colonial,

¹⁸ Vejam

MENESES, Maria Paula & SANTOS, Boaventura Souza, 2009

¹⁹ Idem

Leitura do Anibal Quijano na Epistemologia do sul

²⁰ WALLERSTEIN, Immanuel, 1974, p.6

política sobretudo para enriquecer sua economia, isso é o funcionamento do colonialismo.

“colonialidade de poder exprime uma constatação simples, isto é, de que as relações de colonialidade nas esferas econômica e política não findaram com a destruição do colonialismo. O conceito possui uma dupla pretensão. Por um lado, denuncia “a continuidade das formas coloniais de dominação após o fim das administrações coloniais, produzidas pelas culturas coloniais e pelas estruturas do sistema-mundo capitalista moderno/colonial” (Grosfoguel, 2008, p.126). Por outro, possui uma capacidade explicativa que atualiza e contemporiza processos que supostamente teriam sido apagados, assimilados ou superados pela modernidade” [BALLESTRIN, 2013, p.99-100].

Em outras palavras, mesmo que a colonialidade que plantou a estruturação do sistema mundo moderno/colonial com objetivo de divisão internacional de trabalho com hierarquia étnico-racial global em vários lugares assim como, contextualizando GROSFOGUEL (2003), temos que entender a expansão dessa estrutura foi feita por meio do colonialismo. Ou seja, quando houve uma intervenção de um país colonizador com emergência em negociação a um país colonizado, há uma obscuração violenta que vai ser manifestada durante o processo cultural, política, econômica com uma visão de destruição da soberania do país colonizado. essa manifestação se conhece como colonialismo não colonialidade, mesmo que a colonialidade já existia no país colonizado. FANON 1968 e CÉSAIRE 2006 reconheciam essa obscuração violenta que aparece quando há negociação entre país colonizado e país colonizador, ou seja dentro da relação antagônica há violação. A obscuração violenta não é simbólica, mesmo que sabemos que já existe uma violação simbólica estabelecida pela colonialidade que é o padrão de poder alimentado pelo sistema capitalista com objetivo internacional de trabalho centralizado na hierarquia étnico-racial global. pois sim, obscuração violenta se manifesta durante a negociação antagônica por meio do discurso político com interesse econômico no qual a cultura hegemônica do país colonizador vai estabelecida temos por exemplo a intervenção militar em Iraque em 2001 e em Haiti 2004.

Numa entrevista em 2007 publicada em 2016 na revista POLIS Latina Americana por Angélica Montes Montoya y Hugo Busso; com o professor latino-caribenho Ramón Grosfoguel cujo explicou cada ponto partido desses dois conceitos (colonialidade e colonialismo) e são distintos, apontando que “o

colonialismo é mais antigo que a colonialidade, é uma usurpação da soberania de um povo por outro por meio da dominação político-militar de seu território, sua população através da presença de uma administração colonial, colonialismo é um povo exerce dominação e exploração política, econômica e cultural sobre outro povo”[p.3]. Nessa mesma razão, contextualizamos que o colonialismo traz uma obscuração violenta que vai fortalecendo ao longo do tempo a violência simbólica que estruturou a colonialidade de poder. Mesmo que sabemos, o pós-colonialismo começou ser questionado após a segunda guerra mundial principalmente por intelectuais periféricos nos anos 1980, para COSTA & GROSGUÉL (2016) o pós-colonialismo tem uma figura de nascença britânica e Americana pela trajetória linguística (O inglês é reconhecida como língua comercial mais valorizada no *best seller* e na produção acadêmica) e reconhecemos o imperialismo inglês após a revolução industrial e imperialismo americana após a segunda mundial o poder econômico consegue modificar a cultura de outros estados nações por meio da intervenção militar e econômica sobretudo linguística. Porém, a colonialidade refere a um padrão de poder que se inaugura com a expansão colonial Europeia a partir de 1492 e ”[p.3]

Resumindo a colonialidade é um padrão de poder que surgiu com a idéia de raça e circulando de várias formas através suas três dimensões; colonialidade de ser, saber e poder no qual o eurocentrismo está concentrado para dominar e explorar o corpo não-europeus (a sexualidade, a cor, o pensamento epistêmico e senso comum não-europeus) para controle de trabalho. E por outro lado, o colonialismo se reconhece através da dominação e exploração cultural, política, econômica duma sociedade sobre outra sociedade ou seja, os países com “periféricas” sob a dominação dos países ”centrais”.

Tanto a modernidade, colonialidade, colonialismo M/C/C são linhas críticas ao ocidentalismo com a narrativa eurocêntrica no qual o surgimento da decolonialidade a ser nascido com um pressuposto mais subalterno que eurocêntrico, ou seja, com sua própria narrativa.

1.3 A Decolonialidade

A colonialidade se refere do sistema-mundo capitalista, a crítica a esse sistema tem como objetivo de igualar a sociedade a ser mais digna. Também para o Outro se desvincular da ideologia eurocêntrica através narrativa decolonial, da mobilização social, gritos aos conflitos, cessar todo tipos de discriminação sobretudo, busca a revalorização do Outro por meio da aceitação em sim. A decolonialidade a ser aparecida pela consciência dos imigrantes negros principalmente nos países desenvolvidos, por meio da sua cor estava sendo vista como “outro” no qual a colonialidade baseia-se; e também por meio das bases históricas da modernidade onde apareceu uma crítica decolonial durante a conferência de Bandung de 1955, na qual se reuniram 29 países da Ásia e da África [...]²¹. Ou seja, a decolonialidade se encontra no pensamento dos migrantes nos países centrais e na conferência de Bandung, nestes dois encontros se manifestam uma decolonidade de saber, e de ser com objetivo político e epistemológico.

MIGNOLO (2017) em sua análise sobre transmodernidade, adere ao conceito “biopolítica” que está relatado a pós-modernidade, e não fugiu da epistemologia ocidental, senão se manifesta dentro dela na busca da descolonialidade. *“A aparição do conceito decolonialidade teve um impacto de natureza semelhante ao que produziu o conceito de biopolítica cujo ponto de origem foi a Europa. A biopolítica é um conceito de relato analítico de pós modernidade igual a seu homólogo Europeu (colonialidade) ”*[MIGNOLO, 2017, p. 13-14].

Nessa mesma perspectiva, MIGNOLO Sente-se preso e revela sua rebeldia à epistemologia ocidental, mas reconhece-se os obstáculos que o pensamento eurocêntrico provoca na sua rebeldia, cuja sente-se numa fronteira buscando a saída pelo desprendimento para uma decolonialidade. O que é decolonialidade? a decolonialidade é manifestação contra todo tipo de violência que estabelece a modernidade, colonialidade e colonialismo (MCC) por meio da experiência marginal questionando de uma forma epistêmica e práxis através dos movimentos sociais, textualizando Mignolo;

A decolonialidade requer desobediência epistêmica porque o pensamento fronteiriço é por definição pensar na exterioridade, nos espaços e tempos, tempos que a auto-narrativa da modernidade inventou como seu exterior para legitimar sua própria lógica de colonialidade. Pois bem, a descolonialidade não é um projeto que tenha por objetivo se impor como um

²¹ MIGNOLO, Walter 2017, p.14-15

novo universal abstrato que substitua e “melhore” a reocidentalização e a desocidentalização. É uma terceira força que, por uma parte, se desprende de ambos projetos; e por outra, reclama seu papel na hora de construir futuros que não podem ser abandonados nem nas mãos da reocidentalização, nem nos desenhos desocidentalizadores [MIGNOLO,2017, p. 30-31]

Na geopolítica do conhecimento, Mignolo não deixou de escapar a noção da violência epistêmica que a própria colonialidade traz, ligada ao eurocentrismo, _ o “eurocentrismo é uma lógica fundamental para a reprodução da colonialidade do saber como explicou Quijano” [BALLESTRIN 2013, p.104] porque foi analisado por meio do pensamento Foucaultiano (o entendimento das relações de poder foi sucedido a partir da Leitura de Michel Foucault²²), no qual o iluminismo atribui-se a mais perfeita de todas as linguagens humanas pura razão estrutura universal da razão. “Colonialidade da modernidade não larga a contribuição do pensamento ocidental/europeu/iluminista principalmente liberalismo e marxismo [BALLESTRIN,2013, p.111-112.]. Entretanto, a desobediência epistêmica é uma inaceitação do conhecimento universalista que está ligado ao conhecimento eurocêntrico, mesmo que o marxismo reconhecido com um dos pensamentos para uma sociedade igualitária criticando o capitalismo porém esse conhecimento não chega a compreender o Outro, não apenas isso, ele estabelece sobre o Outro do que, o próprio conhecimento eurocêntrico nos pode libertar. Entretanto A desobediência epistêmica é a desapropriação desse conhecimento eurocêntrico universalista, senão, busca a linhagem do pluriversalismo de episteme.

São estes obstáculos que levam o MIGNOLO (2017) a sentir-se numa fronteira com uma epistemologia desobediente. Para BALLESTRIN (2013) o pensamento fronteiro de MIGNOLO (idem) no qual gera a decolonialidade é como um terceiro elemento da modernidade/colonialidade (MC), porém, na nossa perspectiva a decolonialidade como quarto elemento da MCC (modernidade/colonialismo/colonialidade/decolonialidade). Antes de desenvolver o MCC temos que enfatizar o pensamento fronteiro.

Sobretudo, o pensamento decolonial está comprometido com a igualdade global e a justiça econômica e de socialismo originadas na Europa²³, _ uma das

²² Vejam, FOUCAULT, Michel. A ecologia de saber e _____. Microfísica de poder.

²³ MIGNOLO, Walter 2017, p.15

razões da fronteira que se encontra Mignolo porque o pensamento decolonial assume a democracia e socialismo, _ projeto ocidental. Entretanto, os argumentos decoloniais promovem o “comunal” de vez de capitalismo e comunismo [IDEM p.14].

_ O pensamento de fronteiro de MIGNOLO (idem) é singularidade epistêmica de qualquer projeto decolonial (...), mas, ele reconhece a razão estruturada do iluminismo que a modernidade propus, criando um obstáculo nos pensadores subalternos por meio da língua ocidental cuja na produção dos conceitos estão sendo ligados a essas línguas (francesas, inglesas, alemãs, espanhóis, portugueses) deixando as outras línguas como invisíveis segundo SANTOS²⁴. Essas línguas na acadêmica científica fortaleceram durante o projeto da modernidade, cuja a racionalidade de *Bartolomé de casas* nas quais as línguas dos povos originais, dos afrodescendentes foram destruídas e minimizadas para o estabelecimento da língua ocidental com objetivo de modernizar a cultura destes povos sem tirar a alteridade deles, no qual se incorpora a dominação de conhecimento ligado à apropriação e a violência hoje em dia que pus o MIGNOLO (2017) na fronteira epistêmica (condição subalterno e periférica). _ *“A violência é exercida através da proibição do uso das línguas próprias em espaços públicos da adoção forçados de nomes cristãos, da conversão e destruição de símbolos e lugares de cultos e todos as formas de discriminação cultural e racial* [SANTOS 2009, p.30].

Por tanto, a análise da contextualização de MIGNOLO idem no qual se baseia-se o pensamento dos imigrantes negros nos países centrais e da conferência de Bandung é feita por meio do desprendimento na busca da re/subjetividade com objetivo de não-aceitação ou inaceitação ao pensamento ocidental. Ou seja, compreendemos para denunciar ou resistir do pensamento ocidental, procuramos de mostrar uma subjetividade sem ligação da epistemologia ocidental, por essa razão a reconhecemos como uma resubjetividade, isso, se faz por meio do desprendimento.

Desprender-se significa não aceitar as opções que lhe brindam, não pode evitar-los, mas ao mesmo tempo não quer obedecer. habita a fronteira sente na fronteira. E pensa na fronteira no processo de desprender-se e re-subjetivar. [MIGNOLO 2017,p.19].

²⁴ SANTOS, Boaventuras de Sousa, 2009 p.29-55

Contudo, Na contestação de FANON e da conferência de Bandung , havia um desprendimento do capitalismo, do comunismo, da teoria política ilustrada, do racismo moderno/colonial que visibilizar nosso querer/pensar/ser decolonial na busca da “resubjetivabilidade” [IDEM,p.16-17]. Essa re-subjetividade surge a partir da valorização da invenção discursiva que é o “OUTRO” . MIGNOLO (2017) aponta que o outro vem de *ANTRHOPOS* significa “inferiores” e está construindo sua própria epistemologia, ou seja, o outro está em posição de gerenciar o discurso (verbal ou visual) e está no processo de construir-se a si mesmo, mostrar sua invisibilidade na visibilidade [...]

a visibilidade é o privilégio da epistemologia ocidental que alimenta os estados nações criando uma deficiência acadêmica para invisibilizar o OUTRO na qual a força do eurocentrismo está centralizado (os sujeitos coloniais na dificuldade de produzir na língua nativa, o obrigação de contestar na língua colonial).

O Outro está questionando a sua invisibilidade para descolonizar as ideologias da modernidade (cristianismo, liberalismo, marxismo, conservadorismo e colonialismo)²⁵ que enxergue seu ser/pensar no qual de tipo de dominação está sendo manifestada. então o pensamento fronteiroço de MIGNOLO está na busca de ressuscitar a visibilidade dos sujeitos coloniais (Outro) para resubjetivar-los com uma epistemologia própria chamada desobediencia epistêmica cuja a decoloniadade está sendo circulada.

Os sujeitos coloniais ou subalternos, precisavam se desprender e pensar nas fronteiras que habitavam; não nas fronteiras do Estado-nação, mas nas fronteiras do mundo moderno/colonial. Fronteiras epistêmicas e ontológicas. Sendo consciência dessa situação e a condição necessária do pensar fronteiroço descolonial. A consciência é processo de desprendimento e para nos desprender, precisamos ser epistemologicamente desobedientes. e pensamento fronteiroço é a condição necessária para pensar descolonialmente [MIGNOLO 2017, p..20]

Além disso, temos que reconhecer a genealogia do pensamento fronteiroço do pensar e do fazer decolonialmente está concentrada, na qual incorpora a sociogênese e ontogênese de FANON; a) na política de conhecimento e corpo-político, b) a consciência negra, c) desprendimento, pensamento fronteiroço, d)

²⁵ MIGNOLO, Walter, 2003

desobediência epistêmica, e) desprendimento das opções filogenéticas e ontogenéticas f) da dicotomia do pensamento territorial moderno²⁶.

O racismo epistêmico gera obstáculos para outro de pensar revelado pela sociogênese, mostra as duas dimensões que existe no diálogo da invisibilidade de subjetividade do outro, criando uma inferioridade baseia-se na epistemologia e ontologia. A “sociogênese é aparece na esfera do corpo-político semelhante à lógica da conferência de Bandung, na esfera do “geopolítico”. é um conceito que não se baseia na lógica da de notação, mas, na lógica da enunciação e da classificação que tem o privilégio de classificar e assim que decretar o racismo epistêmico (seres menos racionais) e antológico (seres humanamente inferiores)” [MIGNOLO 2017, p.22]. Quando, há uma decisão de resubjetivar a subjetividade do “outro” na intersubjetividade, acaba criando uma desobediência epistêmica ao padrão colonial de conhecimento político que é uma ruptura ao pensamento ocidental; _ essa ruptura começou pela consciência do “Outro” (consciência negra, consciência oriental, consciência indígena, consciência feminista, interseccionista, consciência LGBT, etc . consciência de todos sujeitos coloniais ou subalternos que a visibilidade eurocêntrica procura invisibilizar) para descolonizar a ocidentalização que manifesta ao lado do ‘Outro” e no “Outro”. Essa ruptura se faz através duma aceitação de ser “OUTRO” (*anthropos*) que a modernidade, colonialidade e colonialismo (MCC) veicula-se, mas, duma forma desprendida para descolonizar toda a visibilidade eurocêntrica ou ocidental. Ou seja, começar buscar outro caminho de episteme não-ocidental para libertar a visibilidade de Outro na busca de uma “resubjetividade”²⁷.

A “resubjetividade” está na fronteira buscando a forma de aparecer-se, mas segue a manifestação da desobediência ou rebeldia à subjetividade da epistemologia ocidental que está sendo visível nos campos científicos, criada pela MCC²⁸ no qual o machismo, racismo moderno/colonial estão veiculados. A epistemologia ocidental está centralizada na cor, na sexualidade e no espaço, se universaliza e circula no corpo do negro, da mulher para apagar a visibilidade da

²⁶ _____ 2017, p.20-21

²⁷ reconhecer a intersubjetividade porém, buscar a valorização da subjetividade que foi apagada pela modernidade para visibilizar a importância do outro e para poder surgir ampliar a epistemologia com novos conhecimentos não -dominador.

²⁸ Modernidade, Colonialidade, Colonialismo

subjetividade desses sujeitos. [Quando há subjetividade existe a objetividade, quando há invisibilidade de subjetividade existe uma visibilidade de subjetividade poderosa, dominadora, ou seja, mesmo que existe a relação intersubjetividade entre europeus com não-europeus, encontra-se uma visibilidade da subjetividade ocidental que invisibiliza a subjetividade do Outro. A forma para o Outro restabelecer sua subjetividade é por meio do desprendimento, ser um desobediente à epistemologia ocidental e reconhecer a sociogênese e ontogênese de FANON que questiona o “geo-corpo-político de conhecimento” para ressuscitar a “resubjetividade” [...].

O “geo corpo-político de conhecimento” é encontrado pela colonialidade do ser e do saber cujo MIGNOLO (2014) o chamado como entrecruzamento entre corpo-político do conhecimento e geopolítico do conhecimento que mostra as duas dimensões que o “outro” está se sentindo neste sistema-mundo, a) primeira dimensão é epistemológico (considerando o “outro” como um ser menos racional) e segunda dimensão é ontológico (o outro, é um ser inferior, está considerado como um elemento para o funcionamento do sistema capitalista, por exemplo, mulher é domesticada para o desejo sexual do homem e a pele negra é potente apenas para mão de obra rentável), todo se vê através do geo-corpo-político de conhecimento e, está centralizado no MCC.

Portanto, a crítica da MCC que é modernidade/colonialidade/colonialismo durante toda sua transição e transformação (pós-colonialismo, trans-modernidade, altermodernidade) está já no caminho à decolonialidade, Mas, a incorporação da decolonialidade que surgiu pelos imigrantes nos países desenvolvidos Frantz Fanon imigrante negro sente-se na obrigação de uma visão eurocêntrica ou seja, ele tinha uma força exterior que lhe obriga de falar, vestir como os brancos no território no qual se encontrava, mesmo sua pele era negra,, havia uma disfarce nele de estilo branco ocidental explicou-se no seu excelente livro; *“Peau noire, masques blancs en 1952” considerado como contestação do eurocentrismo que manifestava no comportamento dos imigrante negros nos países europeus*²⁹ Mas, nele havia uma consciência de que sua subjetividade estava sendo

²⁹ verificar a versão em português,
FANON Frantz. Pele negra Máscaras brancas, 2008

oculta por causa da cor da sua pele, essa consciência encaminha o projeto da decolonialidade.

Entretanto, o projeto da decolonialidade parte me busca da consciência do Outro na busca da sua “resubjetividade” abrindo espaço para o interseccionismo (tipo de pensamento que está na busca da visibilidade da sua subjetividade) de uma perspectiva regional não-universal. A decolonialidade não deve ter centralidade mesmo sabemos que a decolonialidade tem uma perspectiva regional e teve sua aparição pelas experiências latino-americanas através da crítica à modernidade e colonialidade em várias dimensões porém, precisa-se de um pensamento global ou seja, sul global, de vez sul-sul. Por isso, a decolonialidade não deve apenas questionar a modernidade e colonialidade pois, sim também o colonialismo. neste trabalho destacamos a decolonialidade deve reconhecer MCC não apenas MC.

O projeto político-acadêmico da decolonialidade oferece possibilidade de contribuir uma rede planetária em favor da justiça, da igualdade e da diversidade epistêmica. esse projeto é reconhecimento das múltiplas e heterogêneas diferenças colônias. Assim como as múltiplas subalternizado à colonialidade do poder. para uma sociedade mais igualitária democraticamente justa, na busca de soluções para o patriarcalismo, racismo, com menos sofrimento humano [COSTA & GROSGUÉL 2016, p.21]

A decolonialidade crítica ao universalismo que esconde a subjetividade do Outro, mas, sim, está aberta para diversas perspectivas epistêmicas e diversos contextos que se encontram num projeto de resistência para uma sociedade mais justa, nessa mesma razão, a decolonialidade se encaixa no pluriversalismo, de vez universalismo³⁰ para uma “resubjetividade”. o movimento decolonial estava no processo por Quijano e Anibal na problematização da questão da modernidade e da colonialidade, no qual o Artigo America Latina e Giro decolonial está contextualizado, enfatizando que a decolonialidade aparece como o terceiro elemento da modernidade/colonialidade esquecendo do colonialismo.

Na nossa abordagem o colonialismo tem que ser reconhecido e separado da colonialidade e da modernidade como mencionado acima, por que o colonialismo fortalece a colonialidade justamente quando um Estado está se manifestando para se libertar do domínio econômico e político do Estado hegemônico. Ou seja, dos países imperialistas e sub-imperialistas. à vista disto, a decolonialidade deve vigiar o

³⁰ COSTA & GROSGUÉL 2016, p.12, (verificar GROSGUÉL 2003)

sub/ imperialismo principalmente e moderando a modernização, porque existe uma cultura dominadora junta durante uma intervenção política e econômico. Por este motivo, a questão da decolonialidade não pode ser concentrado na MC apenas senão, também na MCC.

Em outras palavras, a Decolonialidade no MCC nos leva questionar todo tipo de dominação que a ocidentalização pode produzir, por isso, é importante o Outro deve reconhecer a re-ocidentalização e a desocidentalização veiculadas pela autoridade e economia para reviver a resubjetividade através da reexistência. *A decolonialidade é projeto define e motiva o surgimento de uma sociedade política global que se desprende tanto da re-ocidentalização e desocidentalização [MIGNOLO 2017, p28].*

A disputa para a “resubjetividade” não é apenas uma questão epistêmica, entra também a cultura, a economia sobre todo, a política. Manifesta-se por uma sociedade mais igualitária através do pensamento fronteiriço por meio duma consciência da invisibilidade de outro de uma o forma naturalizada não-ocidentalizada, porém, reconhecemos a veiculação da democracia que é ocidental no pensamento fronteiriço por isso é considerado como uma fronteira que limita nossa naturalização. Por exemplo, o caso da mulher negra haitiana que está aclarando a sua pele na busca uma visibilidade na sociedade haitiana no qual o trabalho de blanchiment de la peau (branqueamento da pele) está sendo estudado para buscar a consciência dessas mulheres, para re-subjetivar e valorizar a pele delas mostrando a sua visibilidade de uma forma naturalizada de vez ocidentalizada ou seja, busca de entender a desocidentalização que colonialismo está circulando e colonialidade que plantea a ideia da invisibilidade da subjetividade delas como mulheres negras.

Na conclusão deste capítulo compreendemos que os três eixos MCC são chaves essenciais para olhar o fenômeno que das mulheres que estão branqueando a pele delas no Haiti, no estudo da modernidade reconhecem a MC, estudo sobre modernidade/colonialidade considerando o colonialismo como a mesma função que da colonialidade. Porém, destacamos, a modernização que é uma transição da modernidade é feita pelo colonialismo nada mais para reafirmação da colonialidade de poder. Sabemos que existe o padrão de poder colonial que a circulação a

colonialidade de ser /saber. Portanto, para as culturas resistentes podem cair no mito da modernidade se aceitar a modernização, é diagnosticada pelo colonialismo, as vezes se manifesta quando um Estado entra para ajudar outro Estado no plano militar, econômico traz consigo a cultural colonial e fortalecendo de um estado não ao outro estado nação. Na nossa perspectiva, para entendermos o *blanchiment de la peau* é importante destacar o mecanismo da MCC no sistema-mundo visona de revelar as formas de escapar da MCC para visibilizar nosso *quer/ser/saber* por meio do estudo de Blanchiment de la peau.

A importância de analisar os três elementos que manifestam no sistema mundo capitalista que é o MCC no qual analisamos os mecanismo de cada um deles no objetivo de atingir a uma hipótese que nos leva compreender mais clara o fenômeno *blanchiment de la peau* no Haiti.

CAPÍTULO II

“Blanchiment de la peau”.

“*Quem te ensinou a odiar a textura do seu cabelo? Quem te ensinou a odiar a cor da sua pele a tal ponto que você descora para ficar como o homem branco? Quem te ensinou a odiar a forma do seu nariz e a forma dos seus lábios? Quem ensinou você se odeia do alto da cabeça para as solas dos pés? Quem te ensinou a odiar sua própria espécie? Quem te ensinou a odiar a raça que você pertence a tanto que você não quer estar perto um do outro ... você deveria perguntar a si mesmo quem te ensinou a odiar ser o que Deus lhe deu*”³¹.

-Malcolm X

Este trabalho sobre “Blanchiment de peau” procura problematizar sociologicamente a condição das mulheres na sociedade haitiana que confrontam o colorismo³². Vendo essas mulheres numa necessidade de descolir a pele escura delas para poderem apropriar da pele das mulheres mais brancas com objetivo de serem mais atraentes para alcançarem um status econômico melhor (UZOGARA, 2014, TOURÉ, 2012 & BORDELEAU, 2012). A terminologia de *Blanchiment de la peau* poderia ser traduzida em outras línguas, _ *skin bleaching*, *HautAufhellung*, *branqueamento da pele*, *blanqueamiento de la piel*, porém todas são línguas ocidentais no qual o sistema acadêmico está circulando o padrão de conhecimento eurocêntrico. Portanto, “Blanchiment de la peau” poderia ter escrito em crioulo com textualização ligada com “slogan” da sociedade haitiana. Ou seja, poderia ser “doukoman” ou “body store.”³³ Mas, decidimos usar o termo francês (blanchiment de

³¹ TAYLER J. Mathews, 2013 p.6

Versão original “Who taught you to hate the texture of your hair? Who taught you to hate the color of your skin to such extent that you bleach to get like the white man? Who taught you to hate the shape of your nose and the shape of your lips? Who taught you to hate yourself from the top of your head to the soles of your feet? Who taught you to hate your own kind? Who taught you to hate the race that you belong to so much so that you don't want to be around each other... you should ask yourself who taught you to hate being what God gave you.

-Malcolm X

³² BAPTISTE, Saonha Lyrvole Jean. ”La dépigmentation de la peau un phénomène inquiétant” 2017. <http://www.loophaiti.com/content/le-phenomene-de-la-doukomanie>

³³ “doukoman” é termo usado para os haitianos discriminarem as pessoas que usam produtos para clarear a pele. Doukouman na sua tradução literal é pessoas que fazem chapação para trocar ou arrumar cor de veículo para trocar . e “BODY STORE” seria corpo de lojas de produtos cosméticos.

le peau) de vez “branqueamento da pele” em português, em virtude de evitar a discussão que possa nos levar criar obstáculos na comparação do branqueamento analisado por ANDREWS³⁴ (2007) baseado no processo sociopolítico e econômico brasileiro no final do século XIX e início do século XX, na perspectiva de evitar a imensa população negra no Brasil, os governantes decidiram deixar entrar inúmeros imigrantes europeus no sentido de branquear o país.

Os legisladores estaduais de São Paulo também enxergavam a questão como sendo de sangue. Exortando seus colegas a alocar recursos do Estado para subsidiar a imigração européia, o legislador (e cafeicultor) Bento de Paula Souza declarou que "é preciso inocular em nossas veias sangue novo, porque o nosso já está aguado"; ao que seus ouvintes responderam, "apoiado, uma transfusão de sangue melhor". Até intelectuais afro-brasileiros como Raimundo Nina Rodrigues e Francisco José de Oliveira Viana promoveram a nova ortodoxia. Embora reconhecendo que "conhecemos homens negros ou de cor de indubitável merecimento e credores de estima e de respeito"; Rodrigues concluiu que "não há de obstar esse fato o reconhecimento desta verdade- que até hoje não se puderam os negros constituir em povos civilizados: 'Por isso, o país tinha de ser reconstruído mediante a imigração européia, um processo que Oliveira Viana documentou em um relato influente e amplamente difundido sobre "A Evolução Racial"; publicado como parte do censo nacional de 1920 (ANDRWES, 2007, p.153)

Portanto, era um processo do racismo científico debatido pelos pensadores brasileiros (Benjamin Constant, Graça Azanha, Joaquim Nabuco, etc.) em busca da construção duma identidade da nação para o desenvolvimento do país com a idéia da civilização e urbanização na conceição da europeização.

Contudo, “Blanchiment de la peau” no qual estudamos, é delimitado pela questão das mulheres haitianas (seu espaço é o Haiti), portanto, é uma questão global e controversial (CHARLES, 2012, HUNTER 2011, TATE, 2016, UZOGARA, 2014). Sobretudo, observamos os campos de estudos com a relação do “blanchiment de peau” tanto no Caribe, na Índia, no Senegal, Nigéria e outras regiões na África, na América Latina e dentro dos países centrais principalmente nas universidades britânicas e americanas (TAYLER 2011 & BAKSHI, AJIVRAJ, POSOCCO 2016). Destacamos que existe uma abordagem neo-colonial e neo-imperial que está sendo questionado, e é uma preocupação global. Nesta mesma perspectiva o “Blanchiment de peau” é considerado como um projeto decolonial analisando a colonialidade, modernidade e colonialismo (MCC) com

³⁴ ANDRWES, 2007, p.153)

objetivo da visibilidade do sul global. Mesmo assim, tentamos de partir de uma forma sociológica, porém, reconhecemos que ela é um problema socioeconômica (TOURÉ 2012).

Sendo uma preocupação global muitos campos de estudos estão analisando este fenômeno, (Estudos sociológicos, psicológicos, políticos e medicinais). Na abordagem sociológica e psicológica, entendemos o que leva as mulheres neste contexto fenomenal do ‘blanchiment’ é o auto-estima delas, uma força interior canalizada pelo exterior circulada pela desigualdade social, status econômica.³⁵ Além de tudo, a discriminação e o abandono que recebem pelos próprios homens negros (TOURÉ 2012 *Estime de soi* & UZOGARA 2014 *Self-esteem*), Elas querem ser bonitas para terem um bom casamento, porque ser bonita para estes homens é ter da pele mais clara ou branca. E de outro lado, as mulheres negras são vítimas do preconceito social³⁶.

Esse fato das mulheres negras visionando o casamento é funcionamento do sistema mundo capitalista fruto da ocidentalização estabelecido pelo Estado. Por essa razão, PATEMAN (1995 [1988]) através do estudo sobre o patriarcalismo clássico profundamente nos contratistas (Hobbes, Rousseau, Locke, Pufendorf, ect.) no qual ela destacou que as mulheres andam sob o domínio dos homens para a proteção e valorização dela dentro do Estado, porque o matrimônio assegura o bem-estar do homem economicamente e tudo é controlado nas duas esferas, _ a esfera privada submetida à esfera pública³⁷. Em outras palavras, as normas do Estado coloca as mulheres numa condição de ver o casamento como respeito e valorização dela e a estabilidade da vida social dela dependendo do Homem acaba se naturalizando nelas e as levam esse impacto de blanchiment.

Apesar de tudo, TOURÉ (2012) enfatiza que o fenômeno “blanchiment de la peau” é causado pela cicatriz do colonialismo e escravidão, _ entretanto, a pesquisa de artigos no jornal “nouvelliste” no Haiti escrito por Desmangles (2007) explicando o mesmo caso; que o passado da escravidão no Haiti está enraizado e determina nos

³⁵ BORDELEAU, Lilianne, 2012

³⁶ LAROCHE, Alix “ Haïti-Société: Des femmes haïtiennes sous l’effet de leur subconscient”. 2012,

HaitiPressNetwork. <http://www.hpnhaiti.com/site/index.php/societe/7704-haiti-societe-des-femmes-haitiennes-sous-leffet-de-leur-subconscient>

³⁷ PATEMAN, Carole. 1995, p.73-80

haitianos um modo de pensar que os haitianos estimam de uma forma natural que leva a discriminação de nossa negritude [existe um “não-querer” ser preto], segue sendo um caso socioeconômico, a desvantagem financeira joga um papel essencial neste fenômeno, gerando o “self esteem” nas mulheres negras e manifesta-se pela limitação financeira.

Por outro lado, na hierarquização de classe, as mulheres brancas têm mais privilégio no mercado de trabalho para conseguir emprego. Segundo UZOGARA (2014) às mulheres negras (no caso afro-americanas) são socialmente e economicamente desvantagens, por essa razão o fenômeno de “colorismo” ou “blanchiment” está centralizado na desigualdade social. Em outras palavras existe uma questão de privilégio para as mulheres brancas e uma desvantagem para as mulheres negras na escala de status socioeconômico (SES), isso manifesta uma *self esteem* dentro e fora delas e as mulheres com pele mais clara são casáveis (p.50-55)

E além disso, na abordagem econômica e medicinal existe uma questão séria entre países centrais e periféricos, os produtos estão sendo estudados nos laboratórios dos países centrais. E, descobriram que o uso dos produtos para a despigmentação causa câncer da pele nas pessoas. Nos países europeus como França e Inglaterra destacaram que os produtos possuem forte dose cortisone hydroquinone que destroem os melanócitos (células pigmentadas da pele)³⁸. Na França o uso destes produtos são proibidos, existe movimento de sensibilização pela prefeitura de Paris, lançando campanha de informação para frear este fenômeno na comunidade negra. Explicando o perigo que existe na despigmentação da pele, inclusive às crianças, relataram que isso tem a ver com a valorização da publicidade de modelos da pele branca de vez negra e acrescentando principalmente nos aspectos econômicos³⁹.

Portanto, Na Inglaterra, há uma política pública que controle o mercado dos produtos cosméticos para evitar este tipo de doença nas pessoas que pratiquem o *blanchiment*⁴⁰. No Artigo de KAHN (2018); [cremes de clareamento da pele são

³⁸THOT CURSUS, “Blanchiment de la peau, attention danger!”Formation et culture numérique. Ressources tice. 11 novembre, 2009 https://cursus.edu/articles/1873/blanchiment-de-la-peau-attention-danger#.W_pGwDhKjIV

³⁹ _ Idem

⁴⁰ KAHN, Coco. Skin-lightening creams are dangerous – yet business is booming. Can the trade be stopped. 23 april. 2018.

perigosos ainda negócio está crescendo pode o comércio ser interrompido] apontando por meio da entrevista com Paul Gander, apesar do controle pelas agências governamentais britânicas, colaboração das empresas Ebay e Paypal, mesmo com a bloqueio das listagens de produtos com suspeitos, a indústria de produtos para clarear pele, aumentou suas ganâncias em 2017 (KAHN, 2018). A organização de saúde mundial relata que no seu estudo que 40% das mulheres chinesas usam regularmente cremes clareante para pele, na Índia é de 61% e na Nigéria 77% (idem).

No caso do Haiti descobrimos que não há uma intervenção de política pública sobre esta questão, principalmente na questão da saúde dessas pessoas que exercem este tipo de fenômeno⁴¹. O *blanchiment de la peau*, não é um fenômeno recente no Haiti, portanto, não há “um ponto interrogativo” sobre esta questão no ministério de Saúde haitiano ainda. Apesar de inúmeros de vítimas que praticam este ato, a taxa de mulheres haitianas branqueando pele não detém o crescimento, a razão é existe um objetivo nelas é a elegância e atraente⁴², veiculada pela colonialidade estética existe uma subconsciência nas mulheres haitianas criada pela modernidade, essa subconsciência emerge pela discriminação social que elas confrontam na sociedade haitiana, porque a sociedade as ensinam ter pele escura é antônimo da beleza.

As mulheres haitianas sofrem discriminação no próprio grupo étnico delas, elas não estão sendo atraentes para os homens haitianos, porém, elas estão na busca um bom casamento, emprego, status econômico⁴³, _ o aspecto socioeconômico no país cria um dinamismo de alienação da inferioridade que emerge uma subconsciência nelas. Segundo HUNTER (2001) esses conflitos que as mulheres estão confrontando vem da velha ideologia ligada com o pós-colonialismo com a questão da raça, combina com a mídia (programa de televisão, revista, modelagem, videoclips etc.)⁴⁴ para uma tecnologia de corpo, nos quais os produtos estão sendo propagando no país [p.144]. Por outro lado,

⁴¹ DESMANGLES, Phillipe, 2007

⁴²JERÔME, Osman « Haiti, á la mode du blanchiment de la peau » Le regard de Osman en toute passion, 26 mai. 2013.

<http://lautrehaiti.mondoblog.org/2013/05/26/a-la-mode-du-blanchiment-de-la-peau/produits-eclaircissants-osman-jerome/>

⁴³ BORDELAU, Liliane, 2012

⁴⁴ JERÔME, Osman « Haïti, á la mode du blanchiment de la peau » Le regard de Osman en toute passion, 26 mai. 2013

UZOGARA (2014) abordou que o fenômeno “blanchiment de la peau” manifesta através da alocação de privilégio e desvantagens por meio da exclusão social [p2]. nesta mesma perspectiva, enfatizamos que existe uma complexibilidade no “blanchiment de la peau” no corpo da mulher negra. por isso não é mero como o racismo, como disse Uzogora (idem) o “*racismo é primo do corismo*”. Nesta mesma frase destacamos para mulheres haitianas esse ato de discriminação não é racismo, _ nem existe racismo no Haiti, para existir racismo deve haver separação de raça no país. No Haiti apenas existe negro que seja qual for a cor da sua pele, _ clara ou branca é considerada como negra segundo a constituição Haitiana mesmo os mulatos são negros.

I remembered also an anecdote told often by my Haitian friend Jean Casimir. Jean's story is the following: 'If a person like Walter knocks at my house door looking for me, and it is not me who opens the door, the person opening the door would come into the house and say: Jean, someone is looking for you. Who? I would ask. The person would say, "I do not know, a black guy."' As we know, according to the Haitian Constitution, in Haiti everyone is Black. Madina Tlostanova also frequently tells her story. She has white skin and blonde-red hair. In Moscow she is considered Black because she is from Caucasus and also a Cherkessian. Blackness in Russia and Haiti mean different things than in the US. In Haiti, everybody is Black, your skin color doesn't matter because Black means 'person' [BAKSHI, AJIVRAJ & POSOCCO, 2016, p.9]

Nos estudos (1995 DAS and 2003 NSAL) sobre as mulheres afro-americanas UZGORA (2014) acrescenta que os conflitos nas mulheres afro-americanas estão centralizados no “self esteem”, tanto o estudo (Oxford) sobre as mulheres lésbicas negras (BAKSHI, AJIVRAJ & POSOCCO, 2016) entenderem que o fenômeno de “blanchiment de la peau” está ligado ao sexismo e racismo espalhando por uma nova tecnologia baseada na colonialidade estética, ou seja, as mulheres negras na classificação social são desvantajosas; a) por ser mulher acabe perdendo o privilégio na divisão de trabalho ao comparar com o homem que seja branco ou negro, b) além disso, por ser negra acaba perdendo privilégio estético, Isso leva elas terem a subconsciência ou “um querer escapar da cor preta”. As armas epistêmicas que projetam a colonialidade estética está carregada pelo sexismo e racismo⁴⁵.

⁴⁵ BAKSHI, Sandeep, AJIVRAJ S uhaiy & Posocco Silvia “DECOLONIZING SEXUALITIES” Counterpress Oxford, p9. 2016

Como os processos sociais que envolvem o colorismo costumam ter gênero, é possível que essa descoberta seja exclusiva dos homens e não se replique em uma amostra de mulheres afro-americanas [UZOGARA, 2014, p.54]

Podemos considera a veiculação de sexismo e do racismo como elementos para entender o que levam as mulheres haitianas branquear a pele delas mesmo que o racismo não existe no Haiti?

2.1 O Blanchiment no Haiti

No Haiti o fenômeno de branqueamento da pele foi e está questionada por jornalistas haitianos e haitianas principalmente no “nouvelliste” (2008, 2014, 2016), por estudantes sociais e estudantes da medicina na questão da dermatologia, para sensibilizarem o povo haitiano com este ato colonial perigoso. Portanto, poucos estudos acadêmicos estão sendo feito sobre *blanchiment no Haiti*. Porém, reconhecemos novos campos de pesquisas sobre o fenômeno no país, no caso “la *peauologie*⁴⁶” sobre o branqueamento da pele humana Publicada em 2018, visiona estudos sobre a despigmentação voluntaria (DV) e despigmentação cosmética voluntária (DCV) nos países francófonos.

Uns dos autores (2018); Antoine PETIT do APHP Hôpital Saint-Louis⁴⁷, Fatima LY da Universidade Cheikh Anta Diop de Dakar⁴⁸, Marc LAFRANCE⁴⁹, da Universidade Concordia, Canadá, e no Caso do Haiti, temos o Estudante haitiano de mestrado em ciências sociais na UNIFESP Franc Rousseau DÉUS⁵⁰ (2018) que reflete sobre a exclusão da cor negra e a negritude durante século diagnosticam a beleza ideal produzida pela indústria ocidental. Sobretudo, Ele enfatiza sobre o desempenho do cenário da publicidade é essencial na reprodução de estereótipos associados às cores(p.15).

⁴⁶Revue de sciences sociales et humaines sur les peaux (Revista de ciências sociais e humanas sobre as peles. 2018

⁴⁷ L'addiction à la dépigmentation.2018

⁴⁸Dépigmentation Cosmétique Volontaire (DCV) : enjeux sanitaires, pratiques, motivations et ébauches de solutions. 2018

⁴⁹ Études de la peau :Survол de la recherche anglo-américaine contemporaine,2018

⁵⁰ Le phénomène contemporain de Dé pigmentation en Haïti Début d'une féflexion

O branqueamento da pele é uma prática muito comum no Haiti e o objetivo dessa prática é para alcançar e beneficiar às vantagem dos mulatos no país, aponta Gerdy Ithamar Pierre-Louis⁵¹ (2018) no artigo publica no AYIBOPOST.

A complexibilidade ao entendimento do *Blanchiment de la peau* no Haiti requer uma análise panorâmica (idem). A) este fenômeno reage por causa das cicatrizes do escravidão que é a stigma colonial. B) o fenômeno manifesta através duma ilusão da inferioridade sem percepção cria a subconsciência nas mulheres haitianas que clareiam a pele, C) existe uma alienação pelos colonos (*petits blancs e grands blancs*) mantenido pelos mulatos criando uma superioridade utópica do “mulato ao negro”, cuja a consciência coletiva da sociedade haitiana está centralizada, (os mulatos representam a riqueza e beleza). D) a busca dos benefícios da lei por meio da aparência física e aproximar-se do ideal ocidental. E) o fenômeno cria uma inaceitação *por si e em sim* mesma. entretanto, todos estes elementos todos estão ligadas à colonialidade estética.

Contudo, a colonialidade estética no qual blanchiment está acrescentando é uma análise sobre o padrão da beleza por meio da *cor/corpo (sexismo, racismo)* cuja seus representantes são homens e mulheres ocidentais, mas sim, controlado pelo homem branco. Em outras palavras, com a separação através da ideia de raça a questão da colonialidade estética ha sido construída, É a projeção bilateral de superioridade da pele clara⁵². A delimitação dos grupos sociais por causa da pele que identifica a beleza de uma pessoa ligada com pensamento cartesiano, criando uma nova ordem social para privilegiar os grupos brancos na heterogeneidade social.

O surgimento do preconceito contra os negros e o desenvolvimento da escravidão nas colônias européias têm sido freqüentemente ligados. Estamos aqui diante de uma seqüência histórica da qual herdamos certas estruturas mentais ainda eficazes. O preconceito, que flui nos moldes dos arquétipos raciais que temos visto preexistir, é alimentado por uma ideologia que legitima a nova ordem social que está ocorrendo em escala global, uma ideologia em que Julgamentos estéticos ocupam o centro do palco. A distinção de cores, um dispositivo de identidade que preside à delimitação dos grupos em presença, servida pela evidência perceptiva da marca discriminatória e a inevitabilidade de sua transmissão hereditária, constitui

⁵¹ LOUIS Gerdy Ithamar P. DOUKO: RÉSULTAT DE LA PASSION HAÏTIENNE POUR LA PEAU CLAIRE. Ayibopost, 2018
<https://ayibopost.com/depigmentation-en-haiti/>

⁵² EXALUS, F. Jeanty, “changement de la couleur de peau en Haïti complexe, colorisme ou valeur ajoutée? Nouvelliste, 04 avril. 2016

sua pré-condição; assim, a nova ordem social pode ser ancorada na persistência do biológico⁵³ [BONNIOL 1995, p.191]

Todos estão submetidos ao patriarcado e colonialidade tanto homens quanto mulheres, entretanto os homens haitianos preferem mulheres com pele mais clara (BORDELEAU, 2012 p.12 [HUNTER, 2005]. Ao analisar o excelente livro romance de Dany Laferriere (1985) [como fazer amor com um negro sem se cansar⁵⁴] crítica ao colonialismo e escravismo dos negros por meio da sexualidade, porém, o autor haitiano não mostra a existência da alienação do homem negro no sistema-mundo capitalista o “querer estar com mulher branca” como questionou FANON (2008, p.30 [1962]) existe um querer estar com a mulher do homem branco, essa manifestação de fisiologia é reconhecida desde o século XIX segundo BONNIOL (1995), deixando uma discriminação de julgamento estética no Haiti com diversas características baseada negrofobia (p.193) justamente no momento que o pan-africanismo estava em vigor como abordou CÉSAIRE (2010).

Essa alienação cria a inferiorização no corpo negro FANON (2008) considera esse ato como uma epidermização social infectado pelo *vírus* das máscaras brancas ou seja, do projeto colonial, isso se circula nas sociedades e os indivíduos acabando reagindo com uma inconsciência coletiva criando uma crise de identidade no corpo negro haitiano alimentado pelo poder social da beleza física que a matriz colonial favorece, pele com cor mais clara é superior que a pele mais escura⁵⁵. Uma publicação feita pelo jornalista Haitiano Gaspard DORÉLIEN (2012) na revista “SlateAfrique” [Porque todo mundo no Haiti é racista] apontando que ser negro com

⁵³ Versão original: *On a souvent relié l'émergence du préjugé de couleur anti-noir et le développement de l'esclavagisme dans les colonies européennes. Nous sommes là devant une séquence historique dont nous avons hérité certains cadres mentaux encore efficaces. Le préjugé, se coulant dans le moule d'archétypes raciaux dont nous avons vu qu'ils lui préexistent, s'alimente d'une idéologie servant de légitimation au nouvel ordre social qui se met en place à l'échelle mondiale, idéologie où les jugements esthétiques tiennent une place centrale. La distinction des couleurs, dispositif identitaire présidant à la délimitation des groupes en présence, servie par l'évidence perceptive de la marque discriminante et la fatalité de sa transmission héréditaire, en constitue le préalable; par là peut être ancré dans la rémanence du biologique le nouvel ordre social.*

⁵⁴ LAFERRIERE. Dany “Comment faire l'amour avec un Nègre sans se fatiguer”. VLB éditeur, 1985,

⁵⁵ JERÔME, Osman « Haïti, à la mode du blanchiment de la peau » Le regard de Osman en toute passion, 26 mai. 2013

-O artigo Haïti, à la mode Blanchiment de la peau foi publicado no blog do Autor em 2013, mostrando como que o sistema cinematográfico principalmente o hollywoodiano interage nas mulheres haitianas na perspectiva de criar este conflito no corpo das mulheres haitianas, querendo ser como aquelas mulheres “show body” ou como os protagonistas cinematográficos. <http://lautrehaiti.mondoblog.org/2013/05/26/a-la-mode-du-blanchiment-de-la-peau/produits-eclaircissants-osman-jerome/>

pele mais escura no Haiti é estar sem direito, é sinônimo de pobreza e é uma maldição,⁵⁶ produzindo um julgamento estético no ser negro.

No caso da sociedade haitiana, o julgamento estético está centralizado na cor da pele e no cabelo, e a reação do preconceito estético por meio de cabelo, no Haiti, começa pelas instituições, por exemplo, a contextualização de *Philippe DESMANGLES (2007) no nouveliste*, explica que na escola *Saint François d'Assise; Mère supérieure* é proibido para as crianças ou alunos (as) irem nas escolas com *tikouri*⁵⁷. por outro lado, Alix LAROCHE (2012)⁵⁸ no *Haiti Press network*, explicou que as mulheres haitianas com pele mais escura são vítimas de preconceitos sociais, isso gera uma subconsciência nelas e os homens haitianos adoram mulheres com pele mais clara, apesar disso, o preconceito social no Haiti implementa o inseguro estético nas mulheres haitianas, a mulher com pele escura pretende ter uma vergonha de si mesma. Uma mulher⁵⁹ (nome não mencionado) de Delmas 60⁶⁰, sente-se orgulhosa e feliz por ter realizado seu sonho. (seu sonho era branquear a pele dela⁶¹. Como mencionou o jornalista EXALUS (2016) no nouveliste a cidade de Delmas, Porto príncipe e petion-ville são as cidades onde têm mais o movimento comercial dos produtos cosméticos para a clarear a pele⁶².

2.2 Produtos cosméticos para branquear pele no Haiti

No Haiti a venda dos produtos cosméticos ajudam baixar a miséria na marginalidade haitiana, existe um movimento societal de despigmentação, ou seja, a venda de produtos para branquear pele começou ser comercializado em toda esquina das cidades marginalizadas no Haiti. Apontou EXALUS 2016 No “nouvelliste 63” que a escala de produtos para clarear pele aumentam muito no mercado informal, nas farmácias e pequenos negócios, os que são mais vistos na calçada dos mercado públicos principalmente no lugar mais movimentado da capital do Haiti,

⁵⁶ DORÉLIEN, Gaspard « Pourquoi tout le monde est raciste en Haïti » SlateAfrique, 02 août. 2012.

⁵⁷ (*tranças, forma de pentear o cabelo em dreadlock*),

⁵⁸ LAROCHE, Alix, Haïti-Société: Des femmes haïtiennes sous l'effet de leur subconscient, 10 novembre, 2012

<http://www.hpnhaiti.com/site/index.php/societe/7704-haiti-societe-des-femmes-haitiennes-sous-leffet-d-e-leur-subconscient>

⁵⁹ Nome não mencionado no jornal

⁶⁰ Cidade em Porto príncipe, Haiti,

⁶¹ ___ idem

⁶² EXALUS, F. Jeanty, “changement de la couleur de peau en Haïti complexe, colorisme ou valeur ajoutée? Nouvelliste, 04 avril. 2016

⁶³ ___ Idem

pelas taxas de demandas muitas jovens se instalaram a este negócio vender produtos cosméticos nas calçadas da rua. ajudam bastante a sobreviverem portanto uns grupos destruindo seu corpo por meio da propaganda destes produtos⁶⁴. JERÔME (2013) *Prima, Idole, lemovate, Actimed e 7 miracles* são os produtos mais conhecidos no Haiti para clarear a pele e portanto são importados. justificamos pelo jornalista DESMANGLES (2016) o laboratório *Actimed* se encontra em Paris possui hidroquinona nas cremes, porém, na França são proibido para usar. Descobrimos os produtos vem dos países centrais através da diáspora haitiana, principalmente no Canadá, nos Estados Unidos de America e na comunidade europeia segundo o site da Diáspora haitiana que pesquisamos⁶⁵. Os jovens da diáspora haitiana aproveitam o capital que os produtos cosméticos promove no Haiti, lançaram a crème “Merveille” mais eficaz ainda para a clarear pele mais escura segundo a publicação no site *Haitireyél*⁶⁶.

Apesar disso, a manipulação midiática pelas propagandas destes produtos faz essas mulheres acreditar que a pele mais branca traz sucesso e prosperidade ainda é o mecanismo da colonialidade de ser circulada pela mídia. TOURÉ (2012)⁶⁷ e os homens ao assistir essas publicidades sonham para terem uma mulher com pele mais clara ou branca JERÔME (2013)⁶⁸. As propagandas são uns dos elementos da modernização no sistema mundo capitalista, gerando mecanismos de adaptação à colonialidade estética nas sociedades. no caso dos negros haitianos que estão destruindo a pele deles para apropriar da pele branca acabando sendo preso de desejo inconsciente (FANON, 2008:104). Em outras palavras, a Modernização é transição da modernidade esse mecanismo se funciona através do colonialismo simplificando os produtos pelo capital ademais projetando uma cultura puramente eurocêntrica estabelecendo estrutura social que alimenta conflitos na elaboração do esquema corporal do negro haitiano.

⁶⁴ JERÔME, Osman « Haïti, à la mode du blanchiment de la peau » Le regard de Osman en toute passion, 26 mai. 2013
<http://lautrehaïti.mondoblog.org/2013/05/26/a-la-mode-du-blanchiment-de-la-peau/>

⁶⁵ LDH, (La Diaspora Haitienne) “KS Cosmetics _Miss claire” 2006
<http://www.ladiasporahaitienne.com/detail/ks-cosmetiques--miss-claire-1254.html>

⁶⁶ HAITIREYÉL “Merveille” : Crème anti-tâche à base d'ingrédients naturels, 10, octobre. 2017
<http://haitireyel.com/2017/10/10/merveille-creme-anti-tache-a-base-dingrédients-naturels/>

⁶⁷ TOURÉ, Aya. 2012. p.9

⁶⁸ _ Idem

A estrutura social tem um padrão ligado da civilização europeia mantendo pelo colonialismo que alimenta o pensamento de cada indivíduo no objetivo da reprodução, por outro lado, os representantes da estrutura social neste sistema capitalista são ocidentalizados. Lembrando como mencionado no *I CAPÍTULO*, o colonialismo fortaleceu na modernidade, foi exata na conquista da América em 1492, onde o termo da civilização pelo cristianismo era fundamental para a criação da classificação do *uropeu/indígena*, e nesta mesma perspectiva os estados nacionais modernos surgiram então, a classificação do branco, negro e indígena é base da manutenção da economia, na qual criaram o trabalho assalariado. QUIJANO (2005) acrescentou que “A classificação *racial* da população e a velha associação das novas identidades raciais dos colonizados com as formas de controle não pago, não assalariado, do trabalho, desenvolveu entre os europeus ou brancos a específica percepção de que o trabalho pago era privilégio dos *brancos*” (p.230). Por outro lado, a colonialidade se manifesta em cada sociedade por meio da estrutura do Estado, assim, também penetrou nas veias em cada indivíduo na sociedade mesmo no indivíduo negro que está sendo inferiorizado. entretanto, essa inferioridade nas mulheres haitianas subconscientes que estão branqueando a pele delas, está na linhagem da classificação colonial, cujo FANON (1968 [1961]) considerou como violência colonial, criando um querer não “estar- aqui” (FANON, 2008, p.66).

contudo, na ênfase destes autores (TOURÉ, 2012. BORDELEAU, 2012. HUNTER, 2011. UZOGARA, 2014 e os haitianos no *nouvelliste*, destacamos que, para alcançar um emprego, o negro precisa ter um físico ocidental apropriado, por exemplo no Haiti, quando mais a pele da mulher haitiana é clara, maior é a oportunidade de alcançar seu sonho na sociedade haitiana, lembrando que o Haiti foi o primeiro Estado negro que o colonialismo se manifestou, quer dizer, a colonialidade de saber/poder penetrou nas veias do Estado Haitiano através da estrutura do sistema capitalista, na perspectiva de construir um estado moderno ligado com capitalista, precisava centro acadêmico para a formação de uma sociedade civilizada e para estabelecer uma economia própria e forte. Mas, é importante destacar não existe uma reprodução baseada na estrutura moderna sem a conexão do eurocentrismo porque a modernidade já é europeizada. Ou seja, a

construção do estado nação haitiano teve obstáculo por causa da perspectiva modernidade, havia uma circulação da estrutura cultural (educação, religião, urbanização) dirigida pelo imperialismo durante o período da construção da nação haitiana.

2.3 O colonialismo na interioridade do primeiro Estado negro (Haiti)

Falar do Haiti, é falar do poder dos negros a negritude de século XX centralizada que é o despertador da dignidade humana e rejeição da opressão, caminho da “resubjetividade” da verdadeira identidade dos negro (CÉSAIRE, 2010 [1987]), primeiro estado negro a ser estabelecido no início do século XIX por Jean Jacques Dessalines após a revolução de Saint Domingue por Toussaint Louverture no fim do século XVIII pelos jacobinos negros (JAMES (2007 [1938]), questionando a modernidade principalmente a colonialidade do ser e de saber que estava assolando a humanidade através da construção da ideia raça.

Haiti virou-se anticolonial, denunciador da explosão de violência e horror que a modernidade estava projetando na humanidade CÉSAIRE (2010). Haiti luta contra essa ambiguidade violenta projetada pela modernidade militarmente também foi pioneiro na constituição de um contraponto político-teórico inteligível de mundo negro à metavisão racialização no qual surge a negritude que era a posição das relações raciais no século XX (CÉSAIRE, 2010,p,7-9]. MARQUES (2017) na sua narrativa através de leitura sobre Revolução Haitiana por Michel-Rolph Trouillot, acrescentou que, o Haiti é espaço simbólico de resistência contra todas as tentativas de desumanização principalmente contra mulheres negras e homens negros.

Interessa-nos, ao abordar a Revolução Haitiana (ou de Saint Domingue), evidenciar o país que ali teve seu berço como lugar de enfrentamento e luta contra a escravidão; como espaço onde foi gestada e se disseminou a ideia de liberdade e independência no restante da América colonizada; lugar de denúncia da barbárie imposta por um colonizador com discurso civilizatório. No limite, interessa-nos evidenciar o Haiti, por meio dela, como espaço simbólico de resistência contra todas as tentativas dos colonos impor a desumanização de seus colonizados – homens e mulheres negros/as (MARQUES, 2017, p.143)

Haiti questionou o geopolítico de corpo e de conhecimento que a colonialidade assolava a humanidade com estratégia política-teórica que é arma essencial da

colonialidade do saber e ser, _ quando o pensador francês Arthur de GOBINEAU (entre 1853 e 1855) afirmou a desigualdade da raça humanidade⁶⁹, os pensadores haitianos não aceitaram essa afirmação cujo o antropólogo haitiano (1885) respondeu a narrativa racista científica de GOBINEAU (idem) contextualizando que existe meramente a raça humana.

Apesar de todas as tentativas anticoloniais do Haiti, a arma secreta da modernidade que é o colonialismo não foi destacada, que manifesta de forma distinta comparando o mecanismo do padrão de poder como a colonialidade no qual reclamava pelo Haiti, Ele funciona através da economia, reformulando o estado para fortalecer a colonialidade de ser e saber por meio da cultura, como foi explicado no primeiro capítulo eles são interligados, mas têm funcionamento distinto. O colonialismo é como *plano B* da modernidade e o *plano A* está estabelecida, é simbólico que é colonialidade do poder. Haiti enfraqueceu pela arma secreta da modernidade que é o colonialismo concordando com JAMES (2007)⁷⁰.

“Os brancos foram banidos do país por muitas gerações e pobre nação, economicamente arruinada com a população carecendo de cultural social, teve suas dificuldades inevitáveis por aquele massacre. Que o novo país tenha sobrevivido e algo a seu favor, pois, se os haitianos pensavam que imperialismo os havia esquecido, estavam muito enganados” (p, 339).

O colonialismo reagiu no Haiti pela formação do Estado Haitiano, o mesmo critério eurocêntrico, Educação na língua francesa para construção econômica do primeiro Estado Negro cuja a hegemonia estadunidense sancionou a economia do país pelo presidente Thomas JEFFERSON, o Haiti acaba sendo um isolamento econômico na região. “Os temores de Thomas Jefferson sobre o precedente haitiano, os embargos econômicos contra o Haiti e o status do Haiti como pária internacional sob o comando de Dessalines”. (GIRARD, 2012, p.570).

O imperialismo Estadunidense e inglês manifestam na construção da sociedade haitiana, enfatizamos que o imperialismo está baseado na economia, portanto, ele traz junto à cultura com um mecanismo ideológico para dominar as razões dos indivíduos, ou seja, criando ações por meio da materialização (poder

⁶⁹GOBINEAU, De Joseph Arthur “Essai sur l'inégalité des races humaines” (1853-1855). Paris : Éditions Pierre Belfond, 1967, 873 pages

⁷⁰ Versão original

.A related strand in the U.S. historiography emphasizes Thomas Jefferson's fears of the Haitian precedent, economic embargoes against Haiti, and generally Haiti's status as an international pariah under Dessalines. (R.GIRARD, 2012 P.570)

econômico). Mas, no caso do “blanchiment de la peau” das mulheres Haitianas, nos leva entender, a ação que a ideologia do sistema capitalista nestes indivíduos é dupla, em outras palavras, o negro se encontra dentro um sistema que não lhe favorece, primeiramente o sistema tira os instintos do homem negro como faz com o homem branco, mas, existe uma realidade distinta entre homem negro e mulher negra comparando com homem branco e mulher branca.

Como mencionado acima Haiti foi o pioneiro da valorização dos negros. Apesar da influência do imperialismo na metade do século XX no atlântico ainda o Haiti aguentando “ la fierté noiriste” (o orgulho negrista) contextualizou LABELLE (1987) “a dependência do Haiti nascida da desigualdade e exploração da força de trabalho e da variável étnica ligada à distribuição desta força no processo e às relações sociais de produção, o preconceito de cor, a partir do período colonial, é constituído em sólidas bases ideológicas” [p.45]. No qual Aimé Césaire (2006)⁷¹ considerou o Haiti como semicolonial, havia uma ideologia de cor (*ideologie de couleur*) “*les mulâtres*”⁷² com seu orgulho por ter uma pele aproximada dos europeus e os “*anciens esclaves*” com o orgulho negocista (*fierté noiriste*). Neste momento surgiu o preconceito social no Haiti (conflitos de cores;_ entre *fierté noiriste* e *idéologie de couleur*).

Entretanto, a ideologia de couleur dualista ganhou força durante o duvalierismo aponta LABELLE (idem) que os regimes do ditador Jean Claude Duvalier 1957 aumentou a pequena burguesia negra haitiana criando um pacto matrimonial com a burguesia mulata com a ideologia negocista (*ideologie noirciste*) baseado num fascismo crioulo (*fascisme créole*) criando soldados policiais militares (*tonton macoutes*) para manipularem os camponeses. Nessa época a questão da cor superior perdeu força no Haiti, era uma questão de exploração de camponeses para a pequena burguesia negra e branca, e lutar contra o comunismo. Mesmo assim, o rosto do Haiti estava sendo visto vulnerável para os países centrais, fazendo leitura sobre os governantes haitianos, por serem negros eram como bárbaros e inferiores, incapazes de estabelecer uma economia viável e estável (p.53). Com essa vulnerabilidade governamental no Haiti, os países imperiais

⁷¹ CESAIRE, Aimé, 2006, P.45.

⁷² Percepção dos mulatos (affranchis et les petits blancs)

aproveitaram da precariedade do país para circularem o colonialismo no caso da intervenção militar após o golpe de Estado 1991 e 2004. O Haiti é controlado por meio da sua precariedade econômica, política, sobre a infecção social que gera essa precariedade. Concordando com BUTLER (2011) o Outro é mais controlado ou manipulado por meio da sua precariedade. Essa dimensão de precariedade econômica e política banaliza a negritude e o *orgulho negociasta* no Haiti cujo o colonialismo estabelecido no país através da intervenção militar estrangeiro. A frase de Thomas Jefferson sobre o embargo no Haiti⁷³ é raiz dessa precariedade, o Haiti é um Outro vigiado e punido.

Contudo, essa análise de contextos históricos haitianos resumidos é para compreendermos o mecanismo do colonialismo com objetivo de atingir o período que o *blanchiment de la peau* surgiu no Haiti, nessa mesma razão delimitamos o trabalho a partir do catástrofe natural (terremoto de 7,0 na escala Richter) de 12 janeiro 2010⁷⁴ memorizado na sociedade, várias organizações multinacionais entraram no país para ajudar e resgatar os mais necessidades sem mencionar quantidades de soldados estrangeiros (MINUSTAH⁷⁵) no território após o golpe de Estado 2004⁷⁶.

A intervenção militar estrangeiro no país⁷⁷, é a tática do colonialismo por meio do imperialismo e subimperialismo (a interconexão entre os países centrais com os países periféricos para controlar a negritude). Tanto imperialismo e subimperialismo tem caráter de exportação de capitais que é um processo acumulação de capitais. Na compreensão de de HOBSON (1902) o imperialismo era visto com uma ambição política e poder soberano, espírito militar, patriotismo e o imperialismo como monopólio de poder econômico, militar para acumulação de capital na relação entre países antigos coloniais com os metrópoles conhecido na obra de ROSA (1915) e LÊNIN (1917) durante a primeira guerra mundial. Portanto, o subimperialismo foi relatado por MARINI (1977) acrescentando que o subimperialismo exerce uma política expansionista, porém é sob a hegemonia do

⁷³ GIRARD, R. Phillipe 2012, p.570

⁷⁴ LOTTENBERG L. Claudio, STEINMAN Milton & GUMERA, Melissa Simon, Terremoto no Haiti: uma experiência multiprofissional. einstein. p.1-7. 2011

⁷⁵ Missão de paz das nações Unidas no Haiti

⁷⁶ Vejam a dissertação de NETO, Danilo Marcondes de Souza " "A política brasileira para as operações de paz e intervenções humanitárias: normas, ética e regionalização no envolvimento brasileiro na MINUSTAH". PUC-RIO. 2010

⁷⁷ vejam SEITENFUS, Ricardo. Haiti: dilemas e fracassos internacionais. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.

imperialismo⁷⁸ na escola do sistema mundo capitalista. O imperialismo e subimperialismo não só impõem sobre a economia dos outros países não-imperialistas, sobretudo infectam a cultura deles. Nessa mesma tática, a sociedade haitiana entrou em um caos de preconceito de cor. A revalorização da ideologia de cor no Haiti, isso se faz pela precariedade econômica do país cujo a economia do país é depende da diáspora haitiana⁷⁹ que circula uma dimensão de superioridade da cor clara ou branca mais forte por meio da diáspora haitiana e estrangeiros no território principalmente nas mulheres haitianas marginalizadas. O confronto do racismo estrutural nos países centrais contra imigrante pode provocar o *quer-ter mulher-branca?* ou os estrangeiros brancos no território podem impactar no fenômeno branqueamento? Visionamos a narrativa de BORDELEAU, (2012), HUNTER, (2011), TOURÉ (2012) & UZOGARA,(2014) que as mulheres estão com desvantagens econômicos no sistema capitalista branqueando a pele delas para ter um status econômico melhor através do casamento. No caso do Haiti com uma economia precária as mulheres haitianas sentem-se em um caminho que as provocam a praticar o *blanchiment* cujo o monopólio da circulação da economia estás nas mãos da Diáspora, das organizações estrangeiras brancas e militares estrangeiros. essa nova dimensão se manifesta pelo colonialismo para fortalecer a colonialidade do ser/saber no qual o eurocentrismo começa destruindo a negritude haitiana onde as máscaras brancas que enfatizou FANON não está somente sobre a pele negra, está destruindo-la no caso do corpo haitiano querendo apagar a cor negra.

2.4 A manifestação do eurocentrismo no corpo negro haitiano

O Eurocentrismo no corpo negro haitiano é reconhecido a partir da articulação cultural no país feito pelo colonialismo por meio da intervenção militar e de fluxo migratório haitiano que interage na sociedade haitiana. *modificações sociais e culturais impõem sobre o estilo de vida do indivíduo pelo meio do corpo* (BRETON,

⁷⁸ MARINI, 1977, p. 30-32)

⁷⁹ PAUL Bénédicte & SÉRAPHIN, Hugues "L'haïtianité et la responsabilité sociale de la diaspora dans le développement d'Haïti. 2014

2007 [1953] p. 9). Ou seja, o modo de vida da diáspora haitiana e dos estrangeiros no país interagem na sociedade pode afetar a relação corporal (gesto, maneira de pensar ou de querer o corpo conforme o padrão exterior), (...) *porque o corpo em si é construção social* (Idem), através a separação do mecanismo de colonialismo e colonialidade no primeiro capítulo nos possibilita de entender que o eurocentrismo manifesta na sociedade haitiana por meio do corpo, porque ele é ficção cultural⁸⁰.

Além disso, a narrativa do corpo em si, é uma construção social feita pela modernidade mas com a visão da representação ocidental BRETON (2007) é simbólica (p.37). Digamos esse corpo também tem cor, e essa cor é construção social BONNIOL (1995), ambos nascidos no momento da elaboração teórica da ideia de raça na América em 1492 (QUIJANO 2005) criando uma abordagem política identitária para estabelecer o instrumento de dominação social universal no *sistema mundo capitalista moderno colonial* por meio da colonialidade do ser/saber que alimenta a questão geopolítica do corpo cuja a força da colonialidade estética manifestando. Para entendermos o *blanchiment de peau* nas mulheres haitianas é importante destacar que existe nelas uma *dicotomia de corporeidade* que nos mostra dois pesos que a colonialidade do ser impõe sobre a mulher negra isso as leva ao fenômeno *blanchiment de la peau*. O primeiro caso é sexismo; _o corpo da mulher precisa-se ser linda para o desejo sexual do homem. Segundo caso, é o peso do racismo; _ esse corpo desejável pelo homem tem cor. e sobretudo a mulher para construir uma família tem cor, é branca. O corpo como ficção cultural é base essencial da colonialidade, é a localização do poder que estabelece que essa hierarquia *etnoracial-global* favorecendo esses privilégios aos países centrais sobretudo os europeizados nos países periféricos. Dentro do contexto de corpo o capitalismo consegue se desenvolver na divisão de trabalho pela dominação cultural e política (militar, estética, científica, gênero racial ect.)⁸¹ obviamente veiculado pela colonialidade e reafirmado pelo colonialismo que gera a geopolítica de conhecimento e geopolítica de corpo.

Para chegarmos entender o *blanchiment* nas mulheres haitianas, é preciso ver o eurocentrismo na sociedade e a partir daí, logo entender essa percepção

⁸⁰ BRETON, David Le, A sociologia do corpo. 2007

⁸¹ COSTA, Joaze Bernardino & GROSFUGUEL Ramon. 2016, p.19

haitiana, uma problematização importante para enfatizar é o mecanismo de colonialismo no Haiti por meio da diáspora haitiana, estrangeiros no território. Porque não existia racismo anteriormente no país⁸², agora é uma questão de preconceito de cor, (cor mais escura com cor mais clara), é que a mulher está na linha de sobrevivência no sistema mundo capitalista moderno colonial, ela é dependente do homem essa razão mulheres negras sentem-se uma subconsciência de querer clarear pele conquistar estes homens tem monopólio econômico. Para essas mulheres atingirem seu status econômico precisamos ter a padrão da beleza que circula a colonialidade estética no caso mulher negra, que não tem cor europeia precisa-se branquear para realizar seus sonhos para funcionar adequadamente no planejamento do sistema-mundo capitalista/moderno/colonial .

Em outras palavras as mulheres haitianas, que branqueiam a pele para apropriarem da cor branca, acabam construindo um conflito em seu próprio corpo. Entretanto, este conflito é dualista, primeiro entendermos a naturalização do indivíduo nunca foi destruir mesmo que a modernidade havia colocado umas máscaras brancas para escondê-la. agora a construção de corpo pela colonialidade e colonialismo criando um conflito entre modernidade e naturalidade.

A naturalidade é o indivíduo em si, a modernidade é a percepção eurocêntrica no indivíduo através da concepção de corpo, _ o corpo é homem, mulher, ele tem cor vem de raça diferente. Ainda a filosofia cartesiana que está sendo elaborada, o corpo EU tem que ser padronizado logo fazer o Outro querendo ser EU porque a modernidade precisa-se funcionar para o fortalecimento do sistema capitalista. Lembrando que a revolução industrial e mudança socioeconômica europeia foram alimentadas pela conquista da América, a destruição da civilização indígena, africana etc. Durante do processo de colonização, a Europa se enriqueceu, Porém, é importante mencionar que para manter esse processo de colonização precisava um dualismo por meio da concepção de corpo (Superior/inferior, eu/outro, raça branca/raça negra, homem/mulher, ocidente/oriente, centro/periferia, moderno/tradicional, cristandade/pagão, civilização/barbárie etc.) para criar a existência da relação de poder, deve haver espaço para o dualismo. Ou seja, o dualismo nos leva entender que o poder não é natural e sim se manifesta

⁸² POSOCCO, Silvia. AJIVRAJ, S & BAKSHI, 2016, p.9

quando existe confrontação relativa, quer dizer, a separação entre naturalidade e modernidade tem como objetivo de manter o poder para dominar.

Com a contextualização de QUIJANO (2000) encontramos o mecanismo da tentativa da modernidade para destruição da naturalidade na colonialidade de poder/se/saber gere um padrão de poder está sendo alimentado pelo histórico-estrutural no objetivo de controle de trabalho global. Este padrão de poder mundial manifesta em várias formas, ela estabelece a dominação econômica, dominação da natureza, sexual, do conhecimento (episteme através dos conceitos etc.), e cria estrutura da autoridade, ou seja, a forma de governo no sistema capitalista.

No caso das negras haitianas aclarando sua pele, o padrão do poder consegue mantendo, e como também manifestando dentro do corpo haitiano, destruindo a sua realidade criando um mundo ideal para ele. O mundo ideal com o mundo real cria um dualismo conflitante no negro, é a naturalidade que está sendo coberto pela e para modernidade através das máscaras brancas. Por isso, concordamos com o pensamento fronteiro de MIGNOLO (2017) no qual sugere para desprender dessa modernidade temos que nos aprofundar na naturalidade através nossa consciência, _ no caso deste texto na consciência das mulheres que estão clareando a pele delas (blanchiment de la peau) pelo contexto ideológico da modernidade. Uma consciência para valorizar o mundo real, _ a consciência da naturalidade pode ser consciência negra, LGBT, Gênero etc. na busca da resubjetividade. porém sabem que estamos num fronteira com um dualismo conflitante, modernidade (mundo ideal) confrontando com a naturalidade (mundo real) que gera uma dupla consciência nos marginalizados pela modernidade principalmente os negros como apontou DU BOIS DU BOIS (1903) na sua obra versão original "Soul of Black folks" traduzida em português "as almas do povo negro" (1998), mostra que o negro está vivendo com dois pensamentos, dupla consciência (...). Segundo ele para que o negro conheça seu mundo real deve esquecer a identidade do outro. Sobretudo, o mundo ideal é a matriz do colonialismo para capturar a alma do negro em uma perspectiva de desaparecer de seu mundo real. Em outras palavras, o padrão do poder mundial cria mecanismo para manter esse dualismo conflitante nos negros haitianos principalmente as mulheres com pele mais escura.

Portanto, é importante mencionar neste mundo ideal construído pela modernidade através do pensamento cartesiano que se universaliza no sistema mundo o conhecimento ocidental ou eurocentrismo de conhecimento criando um obstáculo em nós Outro e nos coloca em uma fronteira de pensamento cujo temos que ser desobediente para visibilizar nosso aspecto de viver na busca da re-valorização dos negros para tirar essas máscaras brancas que está agora penetrando na pele negra por meio do vírus colonial.

Nossa perspectiva, é sensibilizar o Outro para visibilizar nosso mundo real se faz através o reconhecimento da localização do poder que é o próprio corpo da cor negra. _ A cor/ corpo ou corpo/cor cujo manifesta o sexismo e racismo é ponto de partida para mobilizar o projeto da decolonialidade por meio de blanchiment de la peau no Haiti. entretanto ele Haiti leva um estudo sobre O mecanismo da modernidade através do colonialismo. Mesmo que sabemos que a modernidade impõe um conhecimento universal violento que invisibiliza o conhecimento não-europeus ou conhecimento da naturalidade com um genocídio epistêmico ou epistemicídio⁸³. Porém, a estrutura da modernidade é plural, se reconhece a partir das duas geografias, uma sergiu com a revolução francesa e a outra com a revolução industrial gera uma expansão dual, _ a primeira é a geografia de administração, tem como aspectos do desenvolvimento do capitalismo mundial com propósitos econômicos e políticos para reorganizar o espaço e a segunda a geografia da imaginação tem a ver o lugar que está sendo projetado essa imaginação (RASA,2011,p.82-83). Não podemos considerar mais a modernidade com uma questão do ocidente, ela se expande e manifesta de várias formas através das duas geografias, ela reorganiza os estados nações por isso RASA (2011⁸⁴) a considerou com norte-atlânticos universais. Existe uma modernização social nos corpos através da projeção estadunidense, não é ocidental mas sim, é eurocêntrico (porque o padrão de poder da colonialidade do ser e saber está sendo manifestado). Por isso é importante compreender o mecanismo do colonialismo, quando os

⁸³ GROFOSGUEL, Ramón, " Epistemic racism/sexism, westernized universities and the four Genocides/Epistemicides of the long 16 century. 2013.

⁸⁴ RASA, Tabula, Moderno de otro modo. Lecciones caribeñas desde el lugar del salvaje. Michel-Ralph Trouillot. 2011

_Estudo feito sobre a narrativa do intelectual Haitiano Michel-Ralph Trouillot para compreender o caribe na percepção da modernidade. "

Estados Unidos levando a democracia para um povo no caso do Haiti, está reorganizando o estado nacional haitiano para reafirmar a colonialidade de ser e de saber, mas isso faz através da modernização. O corpo como ficção acaba tendo um modo de cultivar. Ou seja, a modernização por meio da geo-administração e geo-imaginação. Uma sociedade como mente decolonial que quer desprender da modernidade através sua naturalidade deve vigiar e punir a modernização que é tática da modernidade se manifesta por meio do mecanismo de colonialismo, no caso no Haiti a MINUSTAH em 2004 (Missão de Paz no Haiti). Como que Haiti reconhecido como um país anticolonial pioneiro da negritude mulheres querendo tirar a pele negra para possuir pele mais clara? A colonialidade de poder surgiu no final do século XV e o Haiti lutou contra ela no início de século XIX, portanto o Haiti não destacou o colonialismo que é reafirmação da colonialidade que reagi pelo imperialismo econômico, militar, cultural sobretudo político.

A modernização social é mecanismo do colonialismo para enxergar a consciência do Outro, o Outro acaba ter uma aceitação inconsciente porque não consegue imaginar a sua naturalidade. Ele cria invisibilidade e interage no corpo por exemplo o caso das mulheres haitianas que estão branqueando a pele. Buscando um status econômico que a modernização fabrica. Para ter este emprego sua beleza que estar deste jeito. Sobretudo com a propaganda dos produtos sensibilizando as mulheres ao olhar da beleza da colonialidade estética. O colonialismo que analisamos tem força na hegemonia política, militar e cultural através da modernização, por isso, consideramos que a decolonialidade não pode ser meramente uma investigação MCC como apontou BALLESTRIN (2013) pois sim, da MCC.

O estudo sobre o MCC é a leitura do *blanchiment* que visa a linhagem do projeto decolonial na busca descolonização da cor por meio do reconhecimento da manifestação do eurocentrismo dentro do corpo negro haitiano principalmente as mulheres que estão branqueando a pele delas, no qual *blanchiment* destaca que existem duas armas epistêmicas ocidentais na MCC que são o sexismo e racismo⁸⁵ deixando uma ferida colonial nas mulheres negras e sobre homens negros querendo mulheres com pele branca por isso BAKSHI, JIVRAJ & POSOCCO, 2016)

⁸⁵ BAKSHI, JIVRAJ & POSOCCO, 2016. p.9

contextualizaram que a lógica racista e sexista pervertida da colonialidade ontológica ambos de tal maneira que não é incomum encontrar crenças hetero-normativas⁸⁶ entre homens de cor e entre mulheres brancas [p.9].

As crenças nos homens negros querendo mulheres brancas vêm também do racismo por outro por ser homens têm um poder nessa sociedade capitalista e patriarcal levam eles têm o domínio econômico mais que a mulheres negras. agora para as mulheres negras conseguirem casamento desses homens com um status econômico bem melhor que elas; elas sentem-se em uma obrigação de cadastrar no padrão da beleza que a colonialidade estética projeta no sistema mundo-capitalista/colonial.

METODOLOGIA

Não existe dado sobre a porcentagem de mulheres haitianas que estão confrontando este fenômeno, nem relativas às quantidades de exportação ou importação de produtos cosméticos circulando no Haiti. Nesta mesma razão, este trabalho deixa-se abertas lacunas a serem preenchidas posteriormente.

Portanto, analisamos artigos de jornais principalmente *le nouvelliste* publicados sobre *blanchiment* no Haiti. Além disso, mapeamos outros estudos de distintos países sobre o tema, como no Caribe, na África, na América norte e alguns países na Europa.

Resumidos os itens a serem usados durante a pesquisa, são vídeos, revistas, artigos jornalísticos, textos ou livros escritos sobre *blanchiment*, modernidade, de/colonialidade, pós-colonialismo e sobre o Haiti mas, são meramente dados bibliográficos.

A fundamentação teórica-conceitual dessa pesquisa está baseada em uma perspectiva decolonial. É por este caminho que busca-se lançar uma olhar sobres as mulheres negras na sociedade haitiana.

Os autores mais estudados que analisam o caso *blanchiment* com a perspectiva do país deles foram: Ekeoma E. Uzogara, Aya Touré, Mathews J. Tayler, L. Margaret L.Hunter, ect. No caso de Liliane Bordeleau, ela faz um estudo blanchiment na

⁸⁶ Hetero-normative belief not to be confused with heterosexual conducts.
Hetero-normative beliefs transcend gender differences and the racial color spectrum (Idem)

comunidade haitiana no Canadá. Pois, para estes (as) autores (as) essa é a classificação social que leva as mulheres a praticarem o blanchiment considerado como capital social que gerando o self-esteem nas mulheres como objetivo de atingir um melhor status econômico e um bom casamento. porém o trabalho deixa-se bastante espaços a serem analisado para compreender o fenômeno de blanchiment no Haiti. que impacto a classe alta que classe que mais pratica este fenômeno?. Portanto, Relacionamos o primeiro capítulo que está centralizado sobre crítica à modernidade para um estudo decolonial com a o segundo capítulo que é o blanchiment, destacamos que a epistemologia universal construído pelo ocidentalismo através do corpo e cor, e circulando pelas duas armas epistêmicas importantes pelo progresso social e desenvolvimento do capitalismo que são o sexismo e racismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa é feito através de dados bibliográficos, isso deixa lacunas abertas neste trabalho. Mesmo que enfatizamos que há uma dicotomia de corporeidade na problematização de *blanchiment de la peau* sobre a mulher haitiana feita pela colonialidade do ser/saber, que é a experiência sexista e racista da geopolítica imperial⁸⁷. Ainda deixa uma hipótese precisa ser debatida, a economia do país é depende da diáspora Haitiana, emprego pelas organizações multinacionais e militares estrangeiros isso pode levar mulheres haitianas ao *blanchiment* ou apenas se manifesta nas classes marginalizadas.

Destacamos ao longo do trabalho sobre o *blanchiment de la Peau* no Haiti, a existência da inclusão na exclusão, compreendemos a cor da pele dela é causa da exclusão. a) Inclusão é que elas fazem parte na sociedade haitiana, forma inserida na produção econômica, política do país, mas de uma forma invisível. Elas, nada mais como elementos para o crescimento da sociedade (pode ser pelo trabalho doméstico), e entretanto, com desvantagens no status econômico. E, b) a exclusão sofrida por elas na sociedade haitiana acaba tendo desvantagens a esses benefícios adquiridos por causa da pele escura delas;, emprego, casamento, ect.

⁸⁷ POSOCCO, Silvia. AJIVRAJ, S & BAKSHI, 2016, p.14-15

Compreendemos que o dinamismo de *blanchiment de la peau* está na inferioridade, na subconsciência, alienação segundo os autores que mapeamos. É um preconceito de pessoas com pele clara contra as pele mais escura concordando com estudo nos artigos publicados no *le nouvelliste*. _ Observação social pelo sexismo e racismo estrutural alimentado pelo padrão de poder colonial construído na América em 1492. Porém, vemos durante a transição da modernidade de distintas décadas, existe um mecanismo tático feito pelo colonialismo reafirmando a colonialidade do ser/saber.

Por outro lado, para entender *blanchiment de la peau* temos que reconhecer esse mecanismo, a forma de fazer isso, é estabelecer nosso estudo longe da influência da epistemologia ocidental entretanto, reconhecemos que não temos como destruir a alteridade construída pela modernidade. Adotamos, a premissa da aceitação da alteridade é forma para fazer justiça social, política, econômica e para buscarmos a *resubjetividade* delas sem ligação da intersubjetividade. Ou seja, buscamos nosso campos de estudos, criando uma ecologia de saber pluriversalista através da naturalidade de vez da modernidade.

Ao analisar os tópicos dos dois capítulos, na busca duma conclusão para este trabalho, vemos não temos como finalizar sem amostragem do desprendimento do *blanchiment de la peau* no Haiti, já que mostramos que exige uma necessidade de estudo baseado na “resubjetividade” que é um estudo ligado ao cosmo politicismo que possibilita ou facilita pelo estudo pluriversalista que SANTOS (2009) nos plantou. Mas, com precaução da ecologia de saberes⁸⁸ por associar-se do conhecimento eurocêntrico. Parecido um jogo da modernidade mesmo que existe uma apropriação da diversidade sociocultural ou pluralidade epistêmica.

Em outras palavras, temos que preservar e promover a ecologia de saberes que destacou SANTOS (Idem) porque a modernidade está circulando nela, se o *blanchiment* visiona a visibilidade do Outro através da pele negra das mulheres não pode balancear ao lado da modernidade sabendo que a modernidade é construída em cima do corpo/cor que cria esse conflitos dualistas nas mulheres negras principalmente mulheres haitianas.

⁸⁸ “Ecologia de saberes, é ecologia, porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimento heterogêneos. sendo deles à ciência moderna enraizado” (SANTOS,2009, p.50)

Pois, Temos que ser anti racismo e sexismo, é uma linhagem de desobediência através da narrativa decolonial, porém não é um conhecimento da ignorância na inter-subjetividade de conhecimento. O jogo da ecologia de saberes é conhecer a relação das ciências invisíveis como conhecimento da ignorância, porém o *blanchiment de la peau* enfatiza a reclamação através da narrativa anticolonial na busca da resubjetividade que foi invisibilizada pela modernidade. Embora existe a relação da intersubjetividade tem espaço para o conhecimento eurocentrico desvalorizar ou invisibilizar os conhecimentos do Outro. “A ecologia de saberes expande o caráter testemunhal dos conhecimentos de forma a abarcar igualmente as relações entre conhecimento científico e não científico otorgando deste modo o alcance da inter-subjetividade como interconhecimento e vice-versa” (SANTOS 2009, p.50)

Reconhecemos que a modernidade é fundada pela destruição da naturalização do Outro através do corpo/ cor que levam hoje em dia as mulheres negras sentem-se o vírus colonial, destruindo a pele delas inconscientemente. Se na relação do primeiro capítulo com o segundo não mostra que o cognitivo do conhecimento eurocêntrico nasceu sobre o corpo e cor cujo o geopolítico de conhecimento de corpo estabeleceu um conhecimento universalista que sustenta o capitalismo por meio da hierarquização social para uma exploração e superexploração do trabalho bem sucedida, e como que o estudo de *blanchiment de la peau* pudesse negociar com a ciência moderna. Se a própria ciência moderna destruiu a natureza da alteridade? O que precisamos é desprender da modernidade e pensar na naturalidade para achar a saída nessa fronteira que a modernidade nos obriga a ficar. Como disse na abordagem BAKSHI, JIVRAJ & POSOCCO, (2016) temos que seguir desde a perspectiva decolonial construindo um De-linking⁸⁹ (desvincular) de conhecimento eurocêntrico ou do conhecimento imperial racista e sexista,⁹⁰ criando um mecanismo para uma re-existência positiva com sensibilização narrativa, mobilização social, mediática ect. para tirar o virus das máscaras brancas que infectam as mulheres negras haitianas e no resto do mundo. Essa re-existência se faz através do projeto decolonial.

⁸⁹ skin colour and biological molecular composition for the regeneration of the species—means to disobey and delink from the coloniality of knowledge and of being (BAKSHI, JIVRAJ & POSOCCO, 2016, p.33)

⁹⁰ _ Idem, p.36-37

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREWS, George Reid. *AMÉRICA AFRO-LATINA, 1800-2000*. TRADUÇÃO MAGDA LOPES, São Carlos, 2007. 153, P.

BAKSHI, Sandeep, JIVRAJ S uhaiy & Posocco Silvia. *DECOLONIZING SEXUALITIES. Transnational perspective critical interventions*. Edited by Sandeep Bakshi, Suhraiya Jivraj, and Silvia Posocco Counter. Press Oxford. 2016

BALLESTRIN, Luciana. *América Latina e o giro decolonial*. Revista Brasileira de Ciência Política, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.

BONNIOL, Jean-Luc. *Beauté et couleur de la peau*. In: Communications, 60, 1995. Beauté, laideur. pp. 185-204.

BRETON, David Le. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

BUTLER, Judith. *Vida precária*. Artigo Contemporânea. Dossiê Diferenças e (Des)Igualdades n. 1 p. 13-33. 2011.

CÉSAIRE, Aimé « Discurso sobre el colonialismo » Ediciones Akal, S.A 2006.

CÉSAIRE, Aimé; MOORE, Carlos. Discurso sobre a negritude. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

COSTA, Joaze Bernardino & GROSFUGUEL, Ramón. *Decolonialidade e perspectiva negra*. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1. 2016. pp.15-24

DU BOIS, W.E.B. *As almas do povo negro*. Tradução e notas: José Luiz Pereira da Costa, 1998.

DURKHEIM, Émile. *As regras de método sociológico*. Tradução Paulo Neves, Revisão de tradução Eduardo Brandão. Martins Fontes. São Paulo, 2007

DALBERTO, Germana. *Governando o Haiti: Colonialidade, controle e resistência subalterna*. 2014. 300 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Criminais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

DUSSEL, Enrique. *1492: El encubrimiento del Otro: Hacia el origen del "mito de la modernidad*. La Paz: Plural Editores, 1994.

DORÉLIEN, Gaspard. Pourquoi tout le monde est raciste en Haïti. SlateAfrique, 02 août. 2012.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

FIRMIN, Anténor. *De l'égalité des races humaines*. anthropologie positive, ville Laval, Quebec, p.450. 1885.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A idade média: nascimento do ocidente*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GROSGOUEL, Ramón. *Decolonizing Western Universalism: Decolonial Pluri-versalism from Aimé Césaire to the Zapatistas*. Transmodernity. spring 2012. 88-104 pp.

JAMES, C. L. R. *Os jacobinos negros” Toussaint L’ouverture e a revolução de São Domingo*. Bio tempo, editorial, 2007.

LABELLE, Micheline. *Idéologie de couleur et Classes Sociales en Haïti*. 1987

MARQUES, Pâmela Marconatto. *Narrando Revoluções com os Pés no Haiti: A Revolução haitiana por Michel-Rolph Trouillot e outros intelectuais caribenhos*. REVISTA DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE AS AMÉRICAS.VOL.11 Nº 3, 2017

MIGNOLO, Walter et al. *Género y descolonialidad*. Buenos Aires: del Signo, 2014.

_____. *DESAFIOS DECOLONIAIS HOJE*. EPISTEMOLOGIAS DO SUL, Foz do Iguaçu/ PR, 1, 2017. PP. 12-32,

MONTOYA, M. Angélica & BUSSO Hugo. *Entrevista a Ramón Grosfoguel*. POLIS Revista Latinoamericana. Editor Centro de Investigación Sociedad y Políticas Públicas (CISPO). Identidad Latinoamericana. 2007

PETIT, Antoine. *LA DIMENSION ADDICTIVE DE LA DÉPIMENTATION VOLONTAIRE*. Développement, Psychopathologie et Psychanalyse, Clinique transculturelle. Université paris 13. lshs villetaneuse smbh bobigny. 2007

QUIJANO , Aníbal .*Colonialidad del Poder y Clasificación Social*. 2000.

_____. *Colonialidade de poder, eurocentrismo e América Latina*. En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.227-278.

RESTREPO, Eduardo & ROJAS Axel. *Inflexión decolonial: fuentes, conceptos cuestionamientos*. 2010

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Matriz Fontes, 1939.

GUIRARD. R. Phillipe. *Jean-Jacques Dessalines and the Atlantic System: A Reappraisal*.The William and Mary Quarterly, Vol. 69, No. 3 (July 2012), pp. 549-582

MARINI Ruy Mauro. *A acumulação capitalista mundial e o subimperialismo*. Revista outubro. Edição 20. Traduzido por Maíra Machado Bichir & Fábio Pádua dos Santos. 2012

MARQUES, M. Pâmela. *Narrando Revoluções com os Pés no Haiti: A Revolução haitiana por Michel-Rolph Trouillot e outros intelectuais caribenhos*. REVISTA DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE AS AMÉRICAS. VOL.11 Nº 3, 2017. P.143

NETO, Danilo. *A política brasileira para as operações de paz e intervenções humanitárias: normas, ética e regionalização no envolvimento brasileiro na MINUSTAH*. PUC-RIO. 2010

PATEMAN, Carole. *El contrato sexual*. Anthropos, Editorial del Hombre, México. Universidad Autónoma Metropolitana - Iztapalapa. 1995.

RENÉ, Descartes. *O DISCURSO DE MÉTODO*. Edição ACRÓPOLIS
Dados de copyright. Le livros. Tradução de Enrico Corvisieri

SEITENFUS, Ricardo. *Haiti: dilemas e fracassos internacionais*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.

TAYLER, J. Mathews. *The relationship between skin complexion and social outcomes: how colorism affects the lives of African-American women*. Clark Atlanta University. ETD Collection for AUC Robert W. Woodruff Library. 2013

TOURÉ, Ay. *Blanchis et Noirs*. Collège Marianópolis, Canada. 2012.

GOBINEAU, De Arthur. *Essai sur l'inégalité des races humaines*. livres 1 à 4 1853-1855

GROSGOUEL, Ramón. *Epistemic Racism/Sexism, Westernized Universities and the Four Genocides/Epistemicides of the Long 16th Century*. University of California, Berkeley.

HOBSON, A. John. *Imperialism a study*. New York, James Pott Company, Print by ballantyne, Hanson & Co. edinburgh.1902

HUNTER, L. Margaret. *Buying Racial Capital: Skin-Bleaching and Cosmetic Surgery in a Globalized World*. Mills College. *The Journal of Pan African Studies*, vol. 4, no. 4, June 2011. PP.142-164

UZOGARA, E. Ekeoma. *COLOR COSTS: INTERSECTIONS OF GENDERED SKIN TONE DISCRIMINATION, RACIAL CONTEXTS, AND WELL-BEING AMONG BLACK AMERICANS*. University of Michigan 2014.

WAH, Tatiana. *Engaging the Haitian Diaspora*. Emigrant Skills and Resources are needed for Serious Growth and development, not Just Charity. Cairo review, 2013. 56-69, pp.

WALLERSTEIN, Immanuel. Análisis de Sistemas-Mundo. Una Introducción. Siglo veintiuno editores, 1974

APÊNDICES

BRETÓN, LE David. *ANTROPOLOGÍA DEL CUERPO Y MODERNIDAD*. Ediciones Nueva Visión , Buenos Aires; Nueva visión, 2002

DUSSEL, Enrique. *Introducción a la Filosofía De La Liberación*. editorial nueva América, Bogotá, 1995.

Revisão de tradução Eduardo Brandão. Martins Fontes. São Paulo, 2007

_____. *EL MÉTODO DE PENSAR LATINOAMERICANO; LA ANALÉCTICA COMO "RUPTURA TEÓRICA"*. pp. 121-241

GASTON, M'Bemba-Ndoumba _ *Ces Noirs qui se blanchissent la peau. La pratique du « maquillage » chez les Congolais. Cahiers d'études africaines. Paris, L'Harmattan, 2004, 124 p.*

LEHMAN, Kathryn; SMITH, Linda Tuhiwai. *A descolonizar las metodologías: Investigación y pueblos indígenas: - Descolonizar g Methodologies. Santiago: Lom Ediciones, 2016.*

MIGNOLO, Walter. *DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA: A OPÇÃO DESCOLONIAL E O SIGNIFICADO DE IDENTIDADE EM POLÍTICA*. Duke University, Universidad Andina Simón Bolívar) Traduzido por: Angela Lopes Norte. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008

MUKII, Ng'endo "Yellow Fever" 25 de março de 2015. disponível em <https://vimeo.com/122574484>